



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Artes e Letras

Relatório de estágio

Fotojornalismo - Características das reportagens de um jornal do Interior: Jornal do Fundão

Mariana Marques Rodrigues

Relatório de estágio para a obtenção do grau de Mestre em
Jornalismo
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Catarina Rodrigues

Covilhã, janeiro de 2018

*“A fotografia, antes de tudo é um testemunho.
Quando se aponta a câmara para algum objeto ou sujeito,
constrói-se um significado, faz-se uma escolha,
seleciona-se um tema e conta-se uma história, cabe a nós,
espectadores, o imenso desafio de lê-las.”*

Ivan Lima

Resumo

É impossível negar a importância da fotografia no jornal. Existem diversos fatores considerados importantes numa fotografia: cor, textura, ângulo, dimensão, entre outros. Nenhuma destas características é uma exigência, mas todas afetam a leitura da imagem.

Num artigo jornalístico deparamo-nos com a construção textual que procura prender a atenção do leitor e facultar o maior número de informação possível. O fotojornalismo veio reforçar esta conexão: o uso das imagens relacionadas com o texto reforça o conhecimento ao tema, bem como reforça laços de proximidade.

A fotografia é encarada como um registo visual de um acontecimento, sendo usada pela imprensa para representar a realidade. Potencialmente informativa, os editores e até mesmo os leitores resistiram à sua persuasão durante muito tempo. Atualmente a rivalidade passa por quem tem a melhor fotografia.

Rapidez, qualidade e quantidade são agora características que a fotografia tem vindo a alcançar entre os consumidores.

O ponto de estudo deste trabalho prende-se com a análise de fotorreportagens feitas pelo Jornal do Fundão. Este jornal destaca-se na região do interior pela extensão de regiões abrangidas nas suas peças. Será através da análise das fotografias nos Grandes Temas deste mesmo jornal que serão dados a conhecer as principais características do fotojornalismo no interior.

O Jornal do Fundão tem também uma plataforma *online*, que será analisada de forma a encontrar diferenças e semelhanças.

Palavras-Chave: Jornal, fotojornalismo, comunicação, imprensa.

Abstract

It is impossible to deny the importance of photography in the newspaper. There are several factors considered important in a photograph: color, texture, angle, dimension, etc. Neither of these features is a requirement, but all affect the reading of the image.

In a journalistic article we come across the textual construction that seeks to capture the attention of the reader and provides as much information as possible. Photojournalism reinforced this connection: the use of images related to the text reinforces the knowledge to the theme, as well as reinforces proximity ties.

Photography is seen as a visual record of an event, being used by the press to represent reality. Potentially informative, editors and even readers have resisted your persuasion for a long time. Currently the rivalry passes by who has the best photography.

Speed, quality and quantity are now characteristics that photography has been reaching among consumers.

The point of study of this work is related to the analysis of photoreports made by Jornal do Fundão. This newspaper stands out in the interior region by the extension of regions covered in its pieces. It will be through the analysis of the photographs in the Great Themes of this same newspaper that will be known the main characteristics of the photojournalism in the interior.

Jornal do Fundão also has an online platform, which will be analyzed in order to find differences and similarities.

Key-words: jornalismo, photojournalism, communication, press.

Índice

ÍNDICE DE IMAGENS	XI
ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	XIII
INTRODUÇÃO	1
PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	3
CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA FOTOGRAFIA NO MUNDO DO JORNALISMO	3
1.1. <i>Fotografia e jornalismo: Apontamentos históricos</i>	3
1.2. <i>Surgimento do fotojornalismo</i>	5
1.3. <i>A reprodução da fotografia</i>	7
CAPÍTULO 2 - A FOTOGRAFIA NA IMPRENSA.....	9
2.1. <i>Evolução do fotojornalismo em Portugal</i>	9
2.2. <i>A fotografia enquanto informação</i>	10
2.3. <i>A manipulação na era digital</i>	11
2.4. <i>Os desafios lançados com o aparecimento das novas tecnologias e as suas dificuldades</i>	12
CAPÍTULO 3 - FOTOJORNALISMO ONLINE	13
3.1. <i>Fotojornalismo: a reportagem</i>	15
CAPÍTULO 4 - TÉCNICAS DO FOTOJORNALISMO	16
4.1. <i>O elemento principal da fotografia: Luz</i>	16
4.2. <i>Elementos secundários mas necessários: composição, enquadramento e planos</i>	18
CAPÍTULO 5 - GÉNEROS FOTOJORNALÍSTICOS	21
5.1. <i>Notícia</i>	21
5.2. <i>Features</i>	23
5.3. <i>Desporto</i>	24
5.4. <i>Retrato</i>	24
5.5. <i>Ilustrações fotográficas</i>	25
5.6. <i>Histórias em fotografia</i>	25
5.7. <i>Os mais diversos géneros</i>	26
PARTE II - RELATÓRIO DE ESTÁGIO.....	27
CAPÍTULO 6 - ENQUADRAMENTO DO ESTÁGIO	27
CAPÍTULO 7 - O CASO DE UM JORNAL REGIONAL: JORNAL DO FUNDÃO	27
7.1. <i>O Jornal</i>	27
7.2. <i>O ESTÁGIO</i>	28
CAPÍTULO 8 - ANÁLISE PRÁTICA	29
8.1. <i>Projeto de investigação</i>	30
8.2. <i>Análise das fotografias escolhidas para os grandes temas/reportagens</i>	30

8.3. <i>Análise às fotografias usadas no “Grande Tema”</i>	35
8.4. <i>Observações</i>	42
8.5. <i>Diferenças entre o jornal impresso e as publicações Web</i>	44
CONCLUSÃO	48
I. ANEXOS	53
I. GUIÃO DA ENTREVISTA	55
II. “GRANDE TEMA” UTILIZADO PARA A ANÁLISE	57
III. IMAGEM DA CAPA DO JORNAL DO FUNDÃO: DEZ EDIÇÕES ANALISADAS	65

Índice de imagens

Imagem 1 - Fotografia de James Nachtwey, uma mãe toma conta do seu filho morto na Bardera, Somália. Acedido em: https://www.worldpressphoto.org/collection/photo/1993/general-news/james-nachtwey	14
Imagem 2 - Nesta imagem consegue-se perceber a diferença de 1ª sobreexposição, 2ª subexposição e de 3ª exposição normal. Fotografia retirada de: https://diccionariofotografico.wikispaces.com/file/view/exposicion_ejemplos.png/427924188/640x328/exposicion_ejemplos.png	17
Imagem 3 - Exemplo do que acontece com uma baixa profundidade de campo e com uma alta profundidade. Imagem retirada de: http://aprendafotografia.org/file/2015/05/a_camera_fotografica.jpg	18
Imagem 4 - Exemplo da "divisão" que acontece quando idealizamos a Regra dos Terços. Dos pontos assinalados, um será o escolhido para posicionar o objeto principal.....	19
Imagem 5 - Exemplo prático da Regra dos Terços. Retirada de: http://2.bp.blogspot.com/-hBbD4B357Wk/TyfvvLJO6xl/AAAAAAAAABkA/viX1IURudR4/s1600/IMG_1552.jpg	19
Imagem 6 - Nesta imagem, em formato de exemplo, percebe-se a diferença de um plano 1º contrapicado; 2º normal; 3º picado. Retirada de: http://4.bp.blogspot.com/-8BlzjbVAP8M/VCu8UagajPI/AAAAAAAAAso/sHJL_exELTw/s1600/Ejem-Angulaciones2.png	20
Imagem 7 - Na imagem é visível a emoção de uma mulher. Esta fotografia relata a chegada dos peregrinos ao Santuário de Fátima, fotografado por Carlos Pimentel, presente nas galerias do Jornal do Fundão.	23
Imagem 8 - Vinda do atual Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, à Idanha. Fotografado por Miguel A. Lopes. Retirada de: http://www.jornaldofundao.pt/galeria/idanha-22-mil-escuteiros-aplaudiram-marcelo/	24
Imagem 9 - Edição de 6 de abril de 1975 do Jornal do Fundão	32
Imagem 10 - Edição de 13 de abril de 1975 do Jornal do Fundão	32
Imagem 11 - Edição do dia 4 de maio de 1975 do Jornal do Fundão	33
Imagem 12 - Edição de 24 de abril de 1992 do Jornal do Fundão	34

Imagem 13 - Edição de 4 de maio de 2017 do Jornal do Fundão.....	37
Imagem 14 - Edição de 18 de maio de 2017 do Jornal do Fundão.....	43
Imagem 15 -Imagem retirada do Website do jornal do Fundão. Notícia as peregrinações a Fátima. Notícia pode ser acedida em: http://www.jornaldofundao.pt/sociedade/milhares-beiroes-peregrinacao-fatima/	44
Imagem 16 - <i>Imagem do website do Jornal do Fundão</i> . A galeria pode ser acedida através do link: http://www.jornaldofundao.pt/zonadestaque/um-olhar-no-santuario-fatima/	45
Imagem 17 - Imagem do Website do Jornal do Fundão. Galeria de Tânia Araújo. Pode ser acedida através do link: http://www.jornaldofundao.pt/galeria/lado-da-serra-da-estrela-conhecem/	46
Imagem 18 -"Grande Tema" da edição de 22 de junho de 2017 do Jornal do Fundão.....	49

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Número de fotografias por "Grande Tema"	35
Gráfico 2 - Género Fotojornalístico	36
Gráfico 3 - Dimensão da fotografia	37
Gráfico 4 - Legenda da fotografia.....	38
Gráfico 5 - Foco da fotografia	39
Gráfico 6 - Composição da fotografia	39
Gráfico 7 - Autor da fotografia ou fonte.....	40
Gráfico 8 - Plano da fotografia	41
Gráfico 9 - Tempo da fotografia	42
Gráfico 10 - Relação entre a capa e o "Grande Tema"	47
Gráfico 11 - Relação entre a imagem usada na capa e as utilizadas no "Grande Tema"	47

Introdução

O fotojornalismo diz respeito tanto à área da fotografia como à do jornalismo. São duas disciplinas que se ligam. E quando juntas completam-se.

Um jornal sem o uso da imagem fotográfica podia tornar-se vago, sendo que o leitor tem tendência a acreditar maioritariamente no que vê. Nas capas, o uso da fotografia é essencial, porque o que chama a atenção é o uso de imagem ainda que os títulos apelativos sejam igualmente muito importantes.

O fotojornalismo é uma actividade complexa, pois leva os receptores a consumirem determinadas representações mediatizadas da realidade. É, também, uma área que pode abarcar práticas que vão desde a capturação a fotografia à produção da mesma.

Anteriormente para se desempenhar a função de fotojornalista bastava gostar de fotografia, entrar para o jornal e ter algum talento. Actualmente, já não basta só isso. Têm de ser especializados na área. Um trabalho fotojornalístico é realizado para ser publicado num meio comunicação. Usam métodos de abordagem diferentes, possuem estilos próprios e dão à imagem características que servem de suporte no que diz respeito à confirmação, verificação e comprovação dos dados de uma determinada notícia.

É uma actividade recente, aparece no fim do século XIX e, nessa altura era bastante difícil fazê-lo, pois as máquinas e equipamentos eram pesados e difíceis de transportar.

Em Portugal, nunca se conheceu grande desenvolvimento do fotojornalismo, é um país pequeno e as tiragens dos jornais não são muito elevadas, o que levam alguns fotojornalistas portugueses a terem uma profissão paralela.

É uma actividade que acarreta alguns problemas. Por norma, a fotografia é sempre verdadeira, porém, se a mesma for alterada pode modificar a verdade da imagem. A fotografia tem um carácter apelativo aos sentidos e à emoção e, não à razão. Ou seja, a fotografia é um espelho onde as pessoas fazem leituras e compõem opiniões.

É neste contexto que se prende o presente Relatório: tem como objeto de estudo a fotografia nos jornais, entendida como um testemunho visual correspondente ao relato, é, ao mesmo tempo, um reforço para que a nossa memória possa recordar o momento.

Com isto pretende-se: i) esmiuçar a definição e história da fotografia; ii) apurar a crescente importância que a fotografia tem vindo a ganhar ao longo dos tempos no acompanhamento textual; iii) analisar qual o objetivo da sua exposição e as suas principais características; iv) e compreender quais as principais diferenças de um trabalho fotográfico realizado por um profissional e por um jornalista.

Procura-se, ainda, confirmar hipóteses: 1) o número de fotografias utilizadas por grande tema tem tendência a aumentar; 2) o jornalista exerce a função de fotógrafo sem conhecimento técnico de fotografia; 3) a maioria das fotografias, utilizadas nas reportagens, são captadas no momento, ou seja, são atuais; 4) as imagens utilizadas no impresso são as mesmas que as publicadas na plataforma online.

O uso da fotografia tem vindo a mudar, especialmente no uso jornalístico, e, tem também, vindo a exigir mais ao profissional. Do ponto de vista técnico, visual, e produtivo, a fotografia tem tido transformações arrepiantes.

No respeitante à estrutura do trabalho, o mesmo encontra-se dividido em duas partes: o enquadramento teórico e o relatório de estágio, seguidos da conclusão. A primeira parte, onde é realizada uma abordagem sobre o tema, e num segundo momento o enquadramento do estágio curricular onde se enquadra a análise de 48 fotografias dos dez Grandes Temas publicados no Jornal do Fundão entre a data de 4 de maio a 6 de julho.

Parte I - Enquadramento teórico

Capítulo 1 - Enquadramento teórico da fotografia no mundo do jornalismo

1.1. Fotografia e jornalismo: Apontamentos históricos

Representações de acontecimentos diários, como caçadas ou ataques, com maior ou menor grau de abstracção, características das pinturas rupestres, precedem a história da fotografia e deixaram, desta forma, a marca da sua existência.

Tal como é referido na obra de Pierre-Jean Amar (2001: 9) “o ser humano teve sempre necessidade de reproduzir o real e deixar uma marca do seu pensamento para se libertar do esquecimento e da morte.”

Os pintores sempre estiveram presentes ao longo da história, uns com artes pouco entendidas mas muito cobiçadas, outros por terem o “olho” certo, capaz de exporem numa tela o que estava à sua frente.

Trabalhos que exigiam muito tempo e muita precisão fizeram com que existisse a necessidade de criar um auxiliar. Algo que, para além de apoiar a imagem, lhe socorresse nos pormenores mais minúsculos que houvesse para desenhar.

A história é antiga e pode considerar-se dupla. “Engloba dois domínios distintos: a óptica, que dá a imagem, e a fotoquímica que a fixa”(Guillemot e Talamon, 2000 p. 410).

Postas as limitações, foram então criadas “máquinas de desenhar”, compostas simplesmente por um caixilho e por um visor. Ao longo dos anos muitas foram as melhorias: fixavam a imagem, faziam *zoom* (aumentavam a imagem) e chegavam a por em prática a técnica da sombra - moda de perfis dura até ao século XIX.

Com o aperfeiçoamento das técnicas, a exigência era a cada dia maior, o que deu lugar à “câmara obscura”. Este processo consistia, basicamente, numa sala mergulhada na escuridão, onde era efetuado um furo numa parede para projetar uma imagem invertida do exterior sobre uma parede branca.

Comparando cada vez mais o funcionamento do objeto com o do olho, a máquina inicial sofreu muitas modificações. Passou de ser um caixilho com um visor para empregar discos de vidro. Eram descritas como do tamanho humano, onde era preciso entrar para utilizar.

Só em 1568 é incrementado o diafragma que irá reduzir o tamanho do furo para que desta forma entrasse mais luz. Sem reconhecimento por parte dos filósofos da Grécia Antiga, por considerarem os seus efeitos enganosos e ilusórios, em 1700, passa a ser utilizada frequentemente por artistas.

Conhecida por ser um instrumento fotográfico extremamente pesado e caro, a câmara escura dependia de muitas horas de exposição, sabe-se que por vezes uma imagem havia necessitado mais de 60 horas para ser feita.

No entanto, Joseph Niépce, “em 1816 fixa pela primeira vez uma imagem em negativo numa câmara obscura” (Guillemot e Talamon, 2000 p. 410).

Muitas foram as invenções e reinvenções criadas, por diversos homens da ciência, que procuravam a reprodução de imagens cada vez mais semelhantes ao olho e mais rápidas.

Na obra de Pierre-Jean Amar (2001) é referido que a primeira imagem da história da fotografia, cuja data e atribuição são conhecidas como incertas, intitula-se de “Mesa Posta” e foi obtida por Joseph Niépce. O artista ficou conhecido por desenvolver um método capaz de copiar desenhos para a litografia - conhecido por ser um método que envolve a criação de marcas ou imagem sobre uma placa, pedra ou, até mesmo um papel com um lápis gorduroso - usando a luz solar, ou seja, conseguiu fixar uma imagem projectada por uma camera escura.

Da Câmara clara, que pouco alterou a câmara escura e que apenas permitiam aos artistas desenharem as imagens diretamente da superfície onde eram projectadas, ao daguerreótipo passaram apenas alguns anos.

Louis Daguerre, criador do daguerreótipo, processo divulgado em 1839, usou placas sensibilizadas com iodeto de prata, no entanto, só após danificar um termómetro de mercúrio sobre uma das placas é que ele descobriu que podia revelar as imagens, que estavam até então invisíveis sobre as placas.

O método universalizou-se, passou a ser utilizado em todo o mundo, e apenas carecia de 15 minutos a uma hora de exposição solar.

Quase todos os cientistas tentavam dar um marco de aperfeiçoamento ao método da fotografia, porém em 1840, William Fox Talbot, inventa o que é hoje considerado a fotografia moderna. O calótipo, do grego Kalos, que em português se traduz para beleza¹. Este processo, apesar de não tão reconhecido como o anterior, consegue, em menos de um a dois minutos de exposição à luz, uma imagem, menos frágil em questões de suporte, mais fácil e rápido, e tinha a capacidade da reprodutibilidade, contudo, a imprecisão estava no papel.

No mesmo ano, o daguerreótipo é melhorado por Friedrich Voigländer e Josef Max Petzval, que tornam as objetivas mais luminosas e a sensibilidade da chapa melhorada. Sendo que, em, aproximadamente, 1855 o tempo de exposição reduz drasticamente, passando a ser de minutos a dez segundos.

Muitas foram as alterações que surgiram desde a máquina ao papel, até mesmo os processos de reprodução foram sendo alterados com o passar dos anos. Mas, sabe-se que a reprodução em série teve início em 1851.

Anos mais tarde, Eastman Kodak realiza o sonho de criar uma máquina fotográfica “tão fácil de usar como um lápis” (Amar, 2011 p.33).

Do conhecido anúncio da Kodak: “carregue no botão que nós fazemos o resto”, foi em 1888, que este objeto se tornou tão acessível a todos e transportável para qualquer lugar.

Desta forma, a fotografia sai do domínio experimental e torna-se um facto permanente do quotidiano.

¹ Definição de calótipo - <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cal%C3%B3tipo> – acedido a 20 de abril de 2017

1.2. Surgimento do fotojornalismo

A fotografia tornou enfraquecida a atividade de numerosos retratistas no século XIX, bem como a dos gravadores que ilustram a “atualidade” dos jornais da época. É em 1842 que figuram nos jornais e livros as primeiras fotografias.

Inicialmente existia uma forte reticência, muitos apontavam que “a escrita é o veículo da informação, a imagem apenas uma ilustração”(Amar, 2001 p.97). Foi ainda necessário algum tempo para que lhe fosse reconhecido o verdadeiro valor informativo.

A publicação de fotografias nos jornais proporcionou a possibilidade de contemplar os factos publicados e conferia um grau de testemunho. No entanto, em muitos dos casos a presença das fotografias não coincidia com o que era relatado, ou seja, dizia respeito a uma fotografia da realidade. A sua aparência nova atraía muitos à leitura do jornal, por mais que não fosse para admirar a novidade embutida nas folhas de papel.

A existência de fotografias era muito rara no início, até porque havia a dificuldade referente ao processo de impressão. Ao contrário do que acontecia com o texto, que era enviado por via telegráfica em apenas alguns minutos, a imagem, quando distante das instalações dos jornais, podia demorar dias a chegar às redações. Foram necessários vários avanços tecnológicos para que se alcançasse maior qualidade.

Em, aproximadamente, 1920, o procedimento é feito via cabo. Com todo o sucesso que lhe diz respeito, a transmissão de imagens torna-se, desta forma, mais rápida, e a sede de imagens por parte dos leitores podia ser satisfeita.

A fotografia passa a ser um instrumento social que confere um certificado de presença.

Os processos de impressão, outrora muito caros dão lugar a um *boom* fotográfico.

A fotografia possibilitou uma nova forma de conhecimento do mundo para os leitores e oferecia um maior rigor em termos de objetividade no fazer jornalístico.

Desde a invenção da fotografia, em 1826, apesar de a mesma ser mais antiga do que é na realidade datada, assinalam-se muitos avanços: melhoria de qualidade; novas objetivas concedem uma maior profundidade de campo e alcance, na definição; tamanho e formato cada vez mais apurados, e facilitação da reprodução.

A incorporação da tecnologia digital ampliou as possibilidades do “fazer jornalístico” através da imagem. A fotografia “serviu tanto para denunciar e clarificar determinados fatos quanto para obscurecer muitos outros” (Golzio, 2013 p.14).

Existe, ainda, um grau de discussão acerca da possibilidade de manipulação das imagens, com os mais variados fins. As técnicas de manipulação são muito antigas: usadas para dar retoques nas imagens, e desta forma torna-las mais perceptíveis ao leitor, ou para “fazer desaparecer o indesejado”.

É muito complicado determinar uma data de início do fotojornalismo, pois a fotografia começou a surgir nos meios de comunicação impressos a partir de 1842, sendo que, nesta época ainda não era possível falar em “fotojornalismo”.

Na era dos daguerreótipos a imagem precisava de muitos intermediários para chegar ao público. A tecnologia da época era muito precoce: lápis, papel, caneta e objetos para pintar. Logo, a imagem era algo considerado como um acompanhamento do texto. Só mais tarde, no século XIX, com o aparecimento da zincografia² é que foi possível a publicação direta de fotografias.

Em todo o caso, o texto era o elemento primordial de atenção, colocando, desta forma, a fotografia em segundo plano e com um carácter meramente ilustrativo - muitas vezes a fotografia não tinha qualquer ligação com o texto.

Só em 1842 surge a primeira revista ilustrada, fundada por Herber Ingram - *The Illustrated London News*, que pretendia dar aos leitores informação contínua sustentada por imagens, de acontecimentos nacionais e internacionais.

Com o avançar dos anos vários foram os eventos noticiados, entre 1846 e 1848 a Guerra Américo-Mexicana teve correspondentes especiais que se encarregaram de cobrir o evento.

Os fotógrafos que executavam estas expedições eram como “foto documentalistas”; viajantes, carregados pelo peso de um equipamento de grandes dimensões (Sousa, 1998).

Outro dos acontecimentos que mereceu grande destaque foi a Guerra da Crimeia (1854-1855), com cobertura fotojornalística, as imagens deste acontecimento surgiram como gravuras nos jornais - as fotografias eram da autoria de Roger Fenton, conhecido como o fotógrafo oficial do museu britânico.

Em toda a estória o fotojornalismo mais destacado concebia protagonismo aos conflitos armados.

A Guerra Civil Americana (1861-1865) tornou-se um marco para o jornalismo, não só por dar a conhecer a realidade dos combates - dando destaque à fotografia de choque e ao horror - bem como contribuiu para o desenvolvimento de vários níveis:

- Introduz a ideia de cronologia
- Dá a sensação de realismo
- Tem a capacidade de persuasão
- O tempo entre a tiragem da fotografia e a sua publicação é encurtado
- Nasce a questão da proximidade - existência de duplo sentido: proximidade, por parte do fotógrafo, ao acontecimento para fotografar, e proximidade do leitor à notícia
- A fotografia tem maior carga dramática se comparada com a pintura, dando ao leitor uma visão semelhante à do fotógrafo.

² Zincografia - técnica de gravura em relevo na placa de metal.

Jorge Pedro Sousa assinala vários elementos determinantes na história da fotografia jornalística (1998):

“A história do fotojornalismo é uma história de tensões e rupturas, uma história do aparecimento, superação e rompimento de rotinas e convenções profissionais, uma história de oposições entre a busca da objectividade e a assunção da subjectividade e do ponto de vista, entre o realismo e outras formas de expressão, entre o matizado e o contraste, entre o valor noticioso e a estética, entre o cultivo da pose e o privilégio concedido ao espontâneo e à acção, entre a foto única e as várias fotos, entre a estética do horror e outras formas de abordar temas potencialmente chocantes, entre variadíssimos outros factores.” (Sousa, 1998)

A fotografia tem, então, a função de orientar o leitor. No entanto, há que ter em conta que uma fotografia pode ter várias interpretações.

1.3. A reprodução da fotografia

A reprodução, por mais perfeita que ela seja, “um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que ela se encontra” (Benjamin, 1955, p.2), aniquilando-se, assim, a sua unicidade e a sua autenticidade.

Apesar de muitos pintores fazerem reproduções das suas obras de arte, muito antes da chegada das máquinas de copiar, a “produção em massa” de peças fotográficas surge com a incrementação das fotografias nos jornais. É preciso ter em atenção que, apenas os temas mais relevantes, como a guerra; a fome; a política; eram expostas nos jornais, e, ainda assim, não ocupavam as dimensões que hoje são habituais, apenas estavam presentes nas capas.

A fotografia tornou-se um meio potenciador do jornal, pois é a forma mais viável de dar a conhecer ao leitor a veracidade do acontecimento.

A novidade, ao implementar a fotografia como um meio de transmissão, começou por aparecer em pequena escala. Inicialmente em formato de capa, onde só surgiam os eventos realmente importantes, e, posteriormente, tudo era razão para colocar uma imagem, ainda que, nada tivesse a ver com o assunto transmitido.

A capacidade ilustrativa aumentou ao longo dos anos, “a fotografia constitui uma súbita revelação para os pintores” (Lopes, 1996 p.15), sendo que a máquina vem libertar os pintores e permite uma imensa capacidade de mostrar ao leitor o que o olho vê, em perspectivas diferentes.

O facto da máquina fotográfica se tornar, com o avançar dos anos, cada vez mais barata, faz com que esta seja acessível a todos. Assim sendo, o acto fotográfico, no que diz respeito a capturar imagens, está ao alcance das massas.

Apesar da capacidade de proximidade ao público, proporcionada pela fotografia, esta mecanização veio disseminar as obras de arte que estão presentes nos museus. Aproximadas

as obras das massas, há que ter em atenção que, as perspectivas podem influenciar a forma como a obra é vista. Ou seja, mesmo com a presença das imagens ao dispor de todos é importante perceber as perspectivas e o ângulo em que a mesma foi tirada.

Inspirado em Walter Benjamin, Frederico Lopes relaciona, na sua obra *Fotografia e Modernidade*, a reprodutibilidade e a perda da aura.

“Também a fotografia dos entes queridos e ausentes reclama a sua presença e assume a forma de uma apropriação simbólica ao mesmo tempo que aproxima de forma dramática do indivíduo tudo o que reproduz. É a perda da aura.” (Lopes, 1996, p.14)

A fotografia, que representa a realidade, pode também fazer uma construção errada da mesma.

O extraordinário progresso que aconteceu com a fotografia, não apenas no sentido das inovações tecnológicas mas na libertação dos preconceitos da tradição, que evidenciavam a fotografia como um ato de bruxaria, fez com que em meados de 1850 o processo se afirmasse como uma indústria.

Apesar de a Kodak lançar o seu lema: “You press the button, we do the rest” (Pressione o botão que nós fazemos o resto), falar da fotografia como uma indústria é demasiado redutor. Existem aspetos da relação da fotografia com o público que escapam aos modelos de indústria.

Inicialmente é vista como um contributo para um fortalecimento da subjectividade, na descoberta do “eu”, mais tarde parte para a descoberta dos outros. O fotojornalismo surge com o propósito de denúncia das situações de miséria social, sendo que mais tarde, surgem as reportagens de viagem que contribuíram, deste modo, para a descoberta do meio e para uma visão global do mundo.

Ao longo do estudo de Walter Benjamin surge a noção da aura e a sua importância. O culto rendido pelas elites às obras de arte, contrasta com a inacessibilidade destas obras ao público em geral. Será que a “obra de arte” ao ser catalogada através da fotografia a faz perder o interesse? É óbvio que a reprodução em massas vem a substituir aquilo que um quadro pintado à mão proporcionava: a unicidade. Em todo o caso, a repetição, a durabilidade e a fugacidade são agora aspetos postos sobre “a mesa”.

A aura, ligada, segundo Benjamin, ao valor único e original da obra de arte, é impossível no caso de uma fotografia que é reproduzida diversas vezes. No caso da reprodutibilidade, o que se perde é esse valor único da tradição que foi adicionado à obra no momento da criação.

A fotografia assume uma importância para a construção cultural da vida social nas sociedades contemporâneas, entende-se esta construção como uma construção de sentido. Enquanto forma de registo, a fotografia, tem assumido um carácter documental, tal como já foi referido, testemunha uma realidade, sendo que, mais tarde, recorda a existência da realidade captada.

Capítulo 2 - A fotografia na imprensa

2.1. Evolução do fotojornalismo em Portugal

Com o aumento da procura da fotografia pela imprensa dispara o número dos que optavam pelo fotojornalismo enquanto profissão. Apesar de o fotógrafo ser considerado aquele que escrevia a estória do dia-a-dia, sabe-se que na época de 1913 havia um grande anonimato para os repórteres fotográficos, que só nos anos 20 veem a sua profissão mais reconhecida. Contudo, não existe um reconhecimento total da profissão - em Portugal, permanece a ideia de que o fotojornalismo serve para ilustrar e encher o olho, o que sugere uma falta de cultura fotográfica e revela um desconhecimento sobre as virtudes informativas, interpretativas e contextualizadoras do fotojornalismo.

Em Portugal, a primeira notícia acompanhada de fotografia foi publicada em 1839 no jornal “O Panorama”. A imagem reproduz a fachada oriental do palácio da ajuda, em Lisboa. Não se conhece o autor da fotografia, mas o texto que acompanha a fotografia dava conta da invenção do daguerreotipo.

“A fotografia portuguesa desenvolveu-se consagrando especial atenção às áreas do retrato e do retrato carta-de-visita, paisagens, gentes e arquitectura” (Sousa, 1998, p.103), sendo que, as primeiras fotografias captadas por estrangeiros retratam Portugal na zona de Lisboa e do Douro - vinhas e armazéns.

Jornais como *Século*, *Diário de Notícias*, *O primeiro de Janeiro*, *O Comércio do Porto* e o *Jornal de Notícias* viram na revolta da I República, ocorrida entre 1910-1926, acontecimentos dignos de cobertura fotojornalística. Nesta época, o nome de Joshua Benoliel, surge na lista dos primeiros fotojornalistas portugueses, é considerado o criador da reportagem fotográfica em Portugal, o seu trabalho visava os pormenores do dia-a-dia das ruas lisboetas.

No que diz respeito às revistas, a primeira a usar fotomontagem nasceu em França em 1898 – chamava-se *La Vie au Grand Air*, e abordava basicamente temas desportivos. Como refere Jorge Sousa (1998):

“esta revista inovou profundamente no campo gráfico, não apenas através do recurso à fotomontagem como também recorrendo, por exemplo, a planos detalhados sobrepostos a planos gerais e ao rompimento da mancha gráfica habitual. Nesse ano, publicavam-se já regularmente doze revistas ilustradas nos EUA, dez no Reino Unido, nove em França, sete na Alemanha e Áustria e uma ou mais noutros países europeus, como Portugal. Tornavam-se conhecidos os rostos das figuras públicas e visualizavam-se os acontecimentos que, neste sentido, se tornavam mais familiares. Na Europa e nos EUA, a fotografia insinuava-se, ou talvez mesmo se impusesse, na imprensa.” (Sousa, 1998)

A maioria dos jornais e revistas do nosso país referem-se aos séculos XIX e XX, data em que a expansão jornalista ganha maior alcance, no entanto, também se datam jornais dos séculos XVII e XVIII, dos quais são exemplo a *Gazeta da Restauração* em 1640, o *Açoriano Oriental* em 1835, e a *Revista Militar* em 1848.

2.2. A fotografia enquanto informação

O fotojornalismo não se limita a servir a história, funcionando como prova, ela constrói a memória coletiva da sociedade. A noção de fotojornalismo, para João Pedro Sousa (1998), pode ser entendida em dois sentidos distintos:

“a) Fotojornalismo (lato sensu) – No sentido lato, entendemos por fotojornalismo a actividade de realização de fotografias informativas, interpretativas, documentais ou “ilustrativas” para a imprensa ou outros projectos editoriais ligados à produção de informação de actualidade. Neste sentido, a actividade caracteriza-se mais pela finalidade, pela intenção, e não tanto pelo produto; este pode estender-se das spot news (fotografias únicas que condensam uma representação de um acontecimento e um seu significado) às reportagens mais elaboradas e planeadas, do fotodocumentalismo às fotos “ilustrativas” e às feature photos (fotografias de situações peculiares encontradas pelos fotógrafos nas suas deambulações). Assim, num sentido lato podemos usar a designação fotojornalismo para denominar também o fotodocumentalismo e algumas foto-ilustrativas que se publicam na imprensa.

b) Fotojornalismo (stricto sensu) – No sentido restrito, entendemos por fotojornalismo a actividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista (“opinar”) através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. Este interesse pode variar de um para outro órgão de comunicação social e não tem necessariamente a ver com os critérios de noticiabilidade dominantes.” (Sousa, 1998)

A fotografia é um dos campos onde a universalidade é mais vincada, apesar do enquadramento contextual que os jornais propõem, a imagem é uma das formas de comunicação mais inteligível ao maior número de pessoas. Embora exista uma leitura particular, existem necessidades organizacionais e constrangimentos, porque a história tende a formar padrões culturais, de forma a difundir e interpretar as imagens.

É bastante óbvio qual o real objetivo do fotojornalismo: informar. Ao mesmo tempo que informa, explica e clarifica, manifesta nitidamente pontos de vista, por mais que não seja pela própria escolha de temáticas abordadas. Ressalva-se, ainda, que as imagens captadas pelos respetivos profissionais são fruto do seu quotidiano, quase todas pertencentes

ao género de fotografias de notícia, independentemente de serem sugeridas pela agenda ou, apenas, por um clique oportuno.

O fotojornalismo é encarado como uma área “singular que usa a fotografia como veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana (...) A fotografia fotojornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual.” (Sousa 2002, p.5), que ganha fama nos jornais (impressos ou no online).

Com o desenvolvimento da web, assiste-se a um *boom* da fotografia ou melhor a uma “democratização da fotografia”, até porque existem inúmeras facilidades de publicação, consulta e armazenamento.

Atualmente, existem, em Portugal, segundo a ANACOM, mais de 9 milhões de utilizadores de telemóveis³. Os telemóveis estão cada vez mais avançados. A grande maioria tem acesso à internet e possibilidade de captação de imagens/vídeo. Ou seja, a tecnologia atual permite a partilha em tempo real e uma interação imediata entre a imagem e quem a observa, sendo ainda possível para estes produzir comentários.

2.3. A manipulação na era digital

Existem diversas formas de alterar a leitura de uma imagem, desde as manipulações digitais ou, até, a forma como a mesma foi captada. O local, a iluminação, o ângulo, o ponto de destaque, o ambiente, as expressões, entre outras, são tudo formas de modificar a história.

Sublinhe-se a ideia, citando Kátia Aguiar, na sua obra *Fotografia digital*:

“(…) não se pode negar que ultimamente a utilização de tecnologias cada vez mais avançadas para a produção de signos imagéticos vem transformando tanto o processo de produção quanto a própria forma de perceber as imagens e, conseqüentemente o mundo. O computador se apresenta como, talvez, o mais controverso mecanismo de produção e manipulação de imagens. Com ele, a imagem - que na pintura era fruto de um instante único, mágico, posado e na fotografia era a captura, o registro de uma “lasca fortuita” do real - ganha ares de coisa sintética, artificial. Mais que registrar ou criar, ela simula o real.” (Aguiar, 2006, p.1)

A perda de credibilidade da fotografia tem sido preocupação por parte de muitos fotógrafos. Até porque, surge o receio de que as pessoas ao verem uma imagem não a associem a uma verdade pois esta é passível de alteração.

Ao contrário do que parece acontecer hoje, as pessoas pensavam sobre um acontecimento importante porque ele era fotografado. Hoje em dia o conteúdo de uma

³ Os dados são retirados do site na ANACOM: <https://www.anacom.pt/render.jsp?contentId=249936>, que revela que em Setembro existiam 9.636 milhões de utilizadores de telemóveis.

imagem pode ser ou não considerado fidedigno, devido ao uso excessivo das novas tecnologias. Um problema crescente do uso desmesurado das plataformas virtuais é a vulnerabilidade, de trabalhos fotográficos, ao plágio.

Em algumas circunstâncias a imagem já não é criada para apresentar o mundo tal como ele é, mas para representá-lo como desejamos. As imagens que poderiam provocar uma reflexão diferente tendem a ser omissas por aquelas que são claramente extravagantes e que descrevem os problemas como um fenómeno distante, com o qual meramente os outros devem se preocupar.

Há uma forte mudança no fotojornalismo. As pessoas partilham de um ecrã, normalmente interativo, que permite capturar momentos. Esta manifestação mediática, onde todos participam e podem publicar uma fotografia é apenas a luz das tecnologias digitais que vêm mudar cada vez mais os meios de comunicação.

A fotografia não é uma produção de imagens casual ou mecânica, é na realidade uma forma de linguagem estruturada que, procura enriquecer uma estória. Ainda que seja passível de uma interpretação, a imagem não deixa de ser, um modo de registar a realidade, sobretudo quando consideramos a fotografia jornalística.

2.4. Os desafios lançados com o aparecimento das novas tecnologias e as suas dificuldades

É a imprensa que dá lugar e visibilidade às fotografias quando as publica. É um meio no qual a fotografia tem um lugar privilegiado, quer seja em suporte papel ou em formato *online*. A imprensa, tal como já foi dito, que estimulou a evolução da fotografia, ao mesmo tempo captou mais leitores. Uma relação de cumplicidade, cooperação e de informação.

Durante muito tempo promoveu-se a ideia de que o trabalho de um fotojornalista é objetivo, que apenas se foca na verdade e não na interpretação. Atualmente essa “ideia” perde cada vez mais adeptos.

Uma fotografia deve ter uma abordagem tão crítica quanto a de um texto, porque, tal como nas palavras, uma imagem tem a capacidade de mentir. Quem procura e quem publica uma informação visual é responsável por julgar se ela é verdade e, ao mesmo tempo, por encontrar pontos de vista diferentes. Sempre que alguma das imagens sofre de algum tipo de manipulação, por mais divertida que esta pareça, ela tem de ser mencionada ao leitor.

O jornalista deve seguir um Código Deontológico⁴, que invoca responsabilidades e deveres ao profissional. Um código composto por dez tópicos que destaca elementos que devem pautar esta atividade como o rigor, a exactidão, responsabilidade e o respeito.

À medida que surgem novos meios de comunicação são alteradas as formas de trabalho e leitura.

⁴ O código deontológico do jornalista pode ser consultado, por exemplo, no *Livro de Estilo do Público*: http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/29-codigo-d.html

São cada vez mais os obstáculos à profissão: remunerações baixas, direitos autorais e a concorrência dos amadores, são apenas alguns deles.

A fotografia está a perder autenticidade e a mostrar-se como um instrumento de intervenção na realidade. Existe uma inexperiência dos utilizadores da internet no que concerne à prática do fotojornalismo. As fotografias que atualmente “representam informações essenciais” sobre um determinado acontecimento são feitas e distribuídas por uma maioria portadora de dispositivos digitais.

Na era digital, as informações tendem a moldar-se de forma diferente, sendo assim necessário readaptar o sistema tradicional de notícias. Os meios têm de ser capazes de estimular o diálogo entre os emissores e receptores de imagens, através das diferentes plataformas disponíveis. Uma vez que, existem biliões de imagens disponíveis, muitas delas resultantes do designado jornalismo do “cidadão”, conceito associado a Frederico Correia (s.d.), Gilmor (2005) e Rosen (2008).

O *Facebook*, *Twitter*, *YouTube*, *Instagram*, são exemplos de plataformas onde a atuação do designado jornalismo do cidadão se tem registado.

Capítulo 3 - Fotojornalismo online

As novas tecnologias e os novos modelos de comunicação cravaram mudanças significativas no jornalismo. Com o desenvolvimento da internet o webjornalismo adquiriu características próprias.

As transformações operam-se a uma velocidade alucinante: o aparecimento das novas tecnologias da informação provocou uma revolução no acesso à informação. Para Jorge Ferreira (sd):

“A Internet é mais do que uma rede mundial de computadores que se comunicam, permitindo uma maior interatividade do que, por exemplo, a televisão. A Internet permite uma relação local - global muito mais próxima e mais constante, mas condicionada pelos aspectos socioculturais dos contextos em que se insere e dos sujeitos que a utilizam.”(Ferreira, sd, p.2)

O impresso distancia-se, cada vez mais, do *online* e os utilizadores começam a habituar-se. Dá-se espaço à interatividade, do ato contínuo e imediato do fazer jornalismo. A procura no *online* é rápida e personalizada. Ao contrário do que acontece com um jornal impresso: com a possibilidade de folhear, o acesso não linear e seletivo de texto, com múltiplas derivações - procura satisfazer a necessidade de um público geral.

Para que o leitor se mova no vasto arquivo virtual ele utiliza percursos pessoais provenientes das características internas ao texto digital.

A fotografia é o recurso mais utilizado na narrativa jornalística, que permite a possibilidade de interactividade, personalização e memória. É um elemento multimédia.

Não existem diferenças fundamentais entre a imagem fotográfica Web e a usada no jornal impresso. Tal como no fotojornalismo web a imagem no impresso, por vezes, também assume um papel autónomo.

Observe-se a imagem 1, retirada do *site* do *World Press Photo*, que podia acompanhar um texto sobre a fome na Somália: os corpos magros; a posição do elemento fotografado. Sem recorrermos a nenhum tipo de legenda consegue-se perceber o modelo de vida angustiante. Mas, o uso da legenda ou de um texto que acompanhe a imagem irá reforçar a ideia e a memória, contextualiza e informa, o que é fundamental num trabalho jornalístico.



Imagem 1 - Fotografia de James Nachtwey, uma mãe toma conta do seu filho morto na Bardera, Somália. Acedido em: <https://www.worldpressphoto.org/collection/photo/1993/general-news/james-nachtwey>

No jornalismo web as características que importam nomear são sete, como são descritas no livro coordenado por João Canavilhas (2014):

- 1) **Hipertextualidade** - Conecta textos através de *links*, ou seja, possibilita o encaminhamento de uma notícia para outra, como se elas estivessem ligadas.
- 2) **Multimedialidade**- “A comunicação humana é multimédia. Sempre o foi.” A multimedialidade possibilita a apresentação do texto, na web, através de outro tipo de recurso: vídeo, áudio e imagens.
- 3) **Interatividade** - O leitor sente-se parte do processo quando tem a capacidade de trocar *e-mails* com o jornalista, de fazer comentários às notícias, de participar em espaços específicos para o efeito, etc.
- 4) **Memória** - “A memória entra em ação de maneira recorrente, de modo quase natural, na produção do relato da atualidade, seja como ponto de comparação do evento presente com eventos passados (recentes ou remotos), como oportunidades de analogias, como convites à nostalgia, ou mesmo através da apresentação do presente como elemento para desconstruir e tornar a construir, sob a luz de novos fatos, os acontecimentos do passado.” (Marcos Palácio, 2014, p. 92)

- 5) **Instantaneidade:** Traduz-se no imediatismo na atualização, ou seja, possibilita acrescentar informações a qualquer momento. Esta característica pode ser exemplificada com as notícias de “última hora”.
- 6) **Personalização dos conteúdos** - Os *sites* ou as aplicações (*app*) permitem ao utilizador pré-selecionarem os assuntos que lhe interessam. Neste ponto, pode também falar-se na capacidade da plataforma fornecer uma quantidade de imagens complementares a uma notícia, dando capacidade ao leitor de escolher qual a melhor imagem para dada notícia.
- 7) **Ubiquidade:** É o que melhor caracteriza a internet, e pode traduzir-se na possibilidade de uma notícia ser acedida da mesma forma em qualquer parte do mundo.

A Internet alcançou importância estratégica no molde social, transformou-se num espaço social e cultural que estabelece a comunicação entre os diversos tipos de rede. A autora Nelia Bianco (2004) reforça a ideia ao referir: “*A Internet contribui para moldar crescentemente as formas como se vive e experimenta a produção da notícia*” (Bianco, 2004, p.7).

3.1. Fotojornalismo: a reportagem

No género jornalístico da reportagem a fotografia serve para ilustrar o texto, mas em determinados acontecimentos a imagem surge acompanhada apenas de legendas, ou seja é a imagem quem conta a estória.

Quando encaramos o fotojornalismo como um género tem de se compreender que a rápida leitura acompanha a compreensão e interpretação da imagem.

As imagens vão acompanhando padrões de composição simples e limitados o que permite uma leitura clara e objetiva, o que ajuda a diminuir o tempo de compreensão/leitura das fotografias.

Se os meios fornecem os elementos para informar a sociedade, então a sociedade encarrega-se de interpretar, dar significado e julgar todos os elementos informativos. É isto que acontece com a imagem fotográfica.

As leituras são diferentes consoante as culturas e as relações sociais. Podem alterar-se conforme as suas vivências, experiências, educação, entre outros aspetos.

De todos os géneros jornalísticos, a reportagem é considerada o “género jornalístico mais nobre”, até porque “a reportagem já não é uma notícia do tipo *hard news* mas uma prosa de grande fôlego que conta uma história com o máximo de pormenores possíveis”. (Gradim, 2000, p.87).

No que concerne ao recurso a imagens é, igualmente, a que tem maior potencial. Ao longo deste trabalho serão analisadas reportagens de forma a perceber quais as características das imagens fotográficas nas reportagens de um jornal do Interior. A reportagem/fotorreportagem conta a história na primeira pessoa, o relato é enriquecido com “pormenores e abordagens originais baseadas numa narrativa mais rica e variada” (Canavilhas, 2014, p.7).

Capítulo 4 - Técnicas do fotojornalismo

No exercício do fotojornalismo muitas foram as mudanças: da fotografia analógica para a digital.

A fotografia é como o congelamento de um acontecimento real, que ainda assim pode ter uma realidade paralela à que, de facto, faz parte do contexto naquele momento.

É necessário conhecer-se a estética e os códigos fotográficos, pelos quais se regem os profissionais, para compreender melhor a mensagem que a fotografia procura transmitir. Desde a intenção de quem fotografa, que muitas vezes só se percebe ao analisar os processos e caminhos que levaram até à imagem final, à própria mensagem, que é fruto de uma imagem que pode variar consoante as técnicas usadas para captar o momento.

O fotojornalista é, constantemente, posto à prova, para uma boa fotografia é preciso por em prática a capacidade de reacção e a experiência pessoal.

Mesmo com todo o bom equipamento e técnica, o profissional tem de ter a capacidade de olhar: antecipar situações e cenários. Este é um dos fatores que diferencia um fotógrafo de excelência de um bom fotógrafo.

Um fotojornalista deve ser dotado de uma extrema sensibilidade, capacidade de avaliar situações e perceber de que forma e o que deve fotografar, um instinto pleno de rapidez nos reflexos e, acima de tudo, provido de curiosidade.

O domínio da observação, das técnicas e dos equipamentos fotográficos, permite ao profissional “criar narrativas visuais completas e revestidas de significado. Quando falamos em regras, admitimos sempre a exceção” (França, 2014, p.37).

Esta exceção, no trabalho fotojornalístico, pode dizer respeito a uma imagem fora do comum, que só por si é diferenciadora, ou a uma imagem que desrespeita assumida e propositalmente as regras. No entanto, para se desrespeitar as regras é preciso conhecê-las.

4.1. O elemento principal da fotografia: Luz

“A fotografia é a grafia da luz (foto). O conhecimento e utilização correta da luz é fundamental para a obtenção da fotografia” (Teckny, 2006). Podemos pensar na luz como um objeto, porque para tirar fotografias é preciso luz. É intangível e extremamente necessária. Permite-nos fotografar.

Existem dois tipos de luz: a natural e a artificial. Ainda assim, se pensarmos na fotografia como o olho humano, nada é visível sem luz seja ela natural ou artificial.

A falta de luz ou a pouca luminosidade pode sempre ser contornada através de artifícios externos mas uma imagem onde a luz é reduzida nunca apresentará o mesmo resultado que uma imagem de luz controlada e trabalhada.

Podem encontrar-se na luz algumas características: a cor, o brilho e a polarização. Estas características determinam o ato fotográfico quer sejam calculadas pelo fotógrafo ou automaticamente pela máquina.

É através deste elemento principal (a luz) que se consegue brincar com as imagens: o preto e branco, as cores, em contra luz ou até as sombras.

Dominar a exposição significa obter o resultado que o fotógrafo pretendia, seja ele qual for.

Ao determinar as variáveis da exposição podemos fazer escolhas conscientes que alteram completamente o aspecto final da fotografia. Dando um exemplo, fotografamos um cão num quintal com uma planície verde viva e queremos que o relvado fique exactamente com essa cor. Se o sensor for menos exposto do que o necessário - subexposição, o relvado vai ficar mais escuro do que vimos na realidade; se o sensor receber mais luz do que a necessária - sobreexposição, o relvado vai ficar mais claro - exemplo na imagem 2.



Imagem 2 - Nesta imagem consegue-se perceber a diferença de 1ª sobreexposição, 2ª subexposição e de 3ª exposição normal. Fotografia retirada de: https://diccionariofotografico.wikispaces.com/file/view/exposicion_ejemplos.png/427924188/640x328/exposicion_ejemplos.png

Toda a fotografia depende da existência de luz.

A exposição, um termo muito usado na fotografia é, igualmente, dependente da luz. Assenta em três variáveis: abertura de diafragma, velocidade do obturador e sensibilidade do ISO.

São componentes individuais, de funções muito específicas, mas que se influenciam entre si - o diafragma é o responsável pelo controlo da quantidade de luz recebida pelo sensor; o obturador determina durante quanto tempo está a máquina a captar a luz; e o ISO diz respeito à sensibilidade do sensor face à luz que entra na máquina.

A modificação de um dos elementos pode compensar alguma alteração, sendo que é possível a obtenção do mesmo resultado final com dados muito diferentes nos três componentes.

Considera-se a explicação de França (2014):

“Percebemos, assim, que estes três elementos desenvolvem uma relação de funcionamento assente na reciprocidade: quanto menor for a abertura, mais longa terá de ser a exposição; inversamente, quanto maior for a abertura, mais curta terá de ser a exposição (...) A abertura do diafragma

permite controlar outro elemento de extrema importância: a profundidade de campo - porção de imagem que aparece com nitidez atrás e à frente do plano focado. Quanto menor for a abertura, maior será a profundidade de campo.” (França, 2014, p.38)

A profundidade de campo, referida na citação de França, é um elemento principal no trabalho fotográfico, pois pode determinar a orientação do olhar. Controla a zona de nitidez de uma imagem, o que ajuda o fotógrafo a destacar determinados elementos, fazendo-os destacar-se em relação ao fundo. Se a profundidade de campo for reduzida permite isolar o objeto do fundo, é muito usado em fotografia de retrato. Se, por outro lado, houver uma elevada profundidade de campo a área nítida é maior, usada em fotografias de paisagem.



Imagem 3 - Exemplo do que acontece com uma baixa profundidade de campo e com uma alta profundidade. Imagem retirada de: http://aprendafotografia.org/file/2015/05/a_camera_fotografica.jpg

Tudo depende do tipo de máquina que temos, da abertura do diafragma, da distância focal. A profundidade de campo acontece progressivamente. Pode ser à frente do motivo focado ou atrás, mesmo que não se perceba na hora do clique.

O domínio dos diferentes elementos origina imagens distintas, que são pontos de estudo importantes na fotografia. O controlo da velocidade do obturador é um desses pontos, e o resultado da imagem altera consoante o obturador permanecer aberto. Neste sentido, fala-se do impacto da velocidade na fotografia - fotografias de movimento congelado ou arrastado, o que evita as fotografias tremidas. Quanto mais rápido for o movimento mais elevada será a velocidade de obturação, deve-se ter em conta a velocidade de deslocação do objeto fotografado.

4.2. Elementos secundários mas necessários: composição, enquadramento e planos

Se a luz é um elemento indispensável ao ato de fotografar e podemos controlá-la através da exposição. É, por isso, igualmente importante tratar a questão da composição da

imagem. Conseguir a luz ideal e dominar a exposição faz parte do trabalho, mas o momento fotografado é limitado por um fragmento retangular.

Um elemento técnico onde o fotógrafo tem mais liberdade de criar e mostrar as diferentes formas de ver. É, no entanto, perceptível que o olhar da maior parte das pessoas segue as mesmas linhas de orientação, o que dá resultado a algumas instruções.

Um fotógrafo quando compõe uma fotografia escolhe a forma como vai organizar todos os elementos visuais.

A regra dos terços é um exercício visual onde o fotógrafo olha pelo visor/ecrã para o cenário que quer fotografar e divide-o, mentalmente, em três terços verticais e horizontais para obter um total de nove quadrados. É através desta grelha virtual, as quatro esquinas do quadrado central que são revelados quatro pontos de interesse da imagem, ou seja, será nestas zonas que deve posicionar os elementos mais atraentes a fotografar. Em adição, as quatro linhas que formam esta grelha - 2 horizontais, 2 verticais - são uma espécie de local de pausa para aquilo que quer focar e é sobre as próprias linhas ou então nos pontos onde cruzam que deve compor e enquadrar a fotografia. Veja-se os exemplos na imagem 5 e 6.

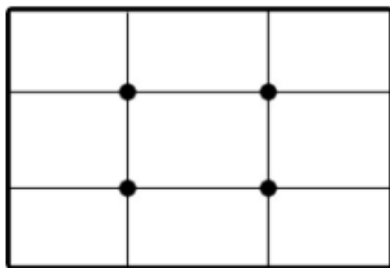


Imagem 4 - Exemplo da "divisão" que acontece quando idealizamos a Regra dos Terços. Dos pontos assinalados, um será o escolhido para posicionar o objeto principal.



Imagem 5 - Exemplo prático da Regra dos Terços. Retirada de: http://2.bp.blogspot.com/-hBbD4B357Wk/TyfvvLJO6xl/AAAAAAAAABkA/viX1IURudR4/s1600/IMG_1552.jpg

Temos também a questão do enquadramento, uma escala de planos que varia consoante a distância da câmara relativamente ao objeto fotografado. O enquadramento ajuda a concentrar a atenção do observador no motivo. Por vezes, a diferenciação de cores podem fornecer pistas sobre a intenção do fotógrafo. Para perceber o enquadramento é necessário “dividir” em 3 linhas horizontais o plano a fotografar. Muitas vezes as regras não se encaixam na nossa maneira de ver o assunto a fotografar. O enquadramento materializa-se no plano. Embora os planos sejam variáveis, pode-se considerar que existem quatro tipos de planos, segundo Jorge Pedro Sousa (2002).

i. **Plano geral:** como o nome indica é mais geral, são planos geralmente informativos, e servem para situar o observador. São usados para fotografia de paisagens e eventos de massas.

ii. **Plano de conjunto:** são planos gerais mais fechados, onde se distinguem os participantes da ação, e a própria ação.

iii. **Plano médio:** aproxima-se de uma visão objetiva da realidade.

iv. **Grande plano:** destaca a particularidade, são mais expressivos que informativos. São mais para o consumo do observador. Quando o plano é mais fechado pode denominar-se de plano de pormenor.

No respeitante aos ângulos da fotografia, estes também se materializam no plano. Existem três. São designados de “*plano normal*” - a imagem faz-se paralelamente à superfície e oferece uma visão objetiva sobre a realidade; “*plano picado*” - a captura da imagem faz-se de cima para baixo, tende a desvalorizar o motivo; e “*plano contrapicado*” - ao contrário da anterior, a captura é realizado de baixo para cima e tende a valorizar o motivo fotografado - imagem 7.

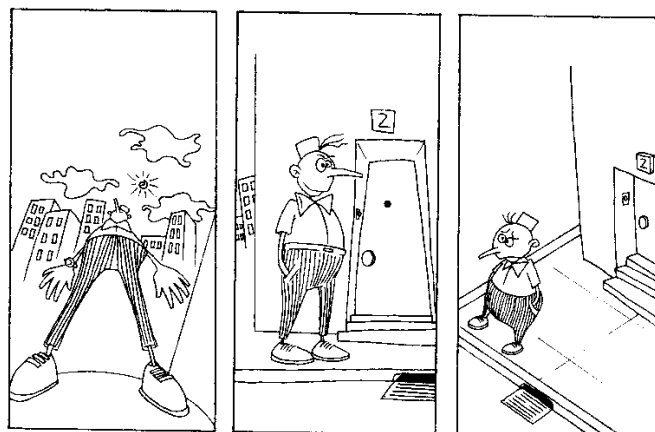


Imagem 6 - Nesta imagem, em formato de exemplo, percebe-se a diferença de um plano 1º contrapicado; 2º normal; 3º picado. Retirada de: http://4.bp.blogspot.com/-8BlzjbVAP8M/VCu8UagajPI/AAAAAAAAAs0/sHJL_exEITw/s1600/Ejem-Angulaciones2.png

Ainda no que diz respeito à composição existe a composição simétrica que estabiliza, é muito eficaz na organização de imagens com detalhes. A simetria geralmente traz simplicidade para a fotografia. O reflexo na água é um bom exemplo de simetria.

Estamos rodeados de simetria e padrões, naturais e artificiais, elementos que podem tornar a fotografia mais atraente. Muitas são as técnicas existentes para reforçar e realçar a história contada na fotografia - a sobreposição, convida a uma imagem mais tridimensional ou à questão da profundidade; a perspetiva que valoriza os planos e as linhas de movimento; e as sombras que “escondem” detalhes, mas são, geralmente, conhecidas por transportarem uma carga emocional muito mais forte.

Capítulo 5 - Géneros fotojornalísticos

O presente ponto tem como objetivo dar a perceber os diferentes tipos de fotografia introduzidos nos trabalhos jornalísticos, é importante referir que não há uma maneira de classificar os géneros fotojornalísticos e, a cada dia que passa, surgem novos modelos.

Ainda assim, de forma genérica, os géneros são identificados, por Jorge Pedro Sousa (2002), em “notícias” - que abarca subgéneros: spot news e notícias em geral - “retrato”, “ilustrações fotográficas”, “features”, “paisagem” e “história em fotografias - que abarca, igualmente, subgéneros como fotorreportagens.

No entanto, os grandes concursos fotográficos, como o World Press Photo, estabelecem critérios de classificação: através do número de fotografias - fotografia única ou várias imagens; e do género em que elas se enquadram. Posteriormente classifica-se em função ao tema: notícias, arte, pessoas, moda, tecnologia e ciência, desporto, natureza e ambiente.

Como já foi referido, existem diferentes formas de identificar os géneros fotojornalísticos, por vezes esta identificação passa pela intenção do jornalista ou pelo contexto em que se insere uma fotografia numa peça. O fotojornalismo o domínio e aquisição de texto e fotografia logo, “o conteúdo e forma do texto são, assim, essenciais para explicitar o género fotojornalístico” (Sousa, 2002, p.110).

5.1. Notícia

Este é possivelmente o género mais utilizado, seja em jornais ou revistas de informação. Tal como referido anteriormente, este género engloba dois subgéneros: fotografias de notícias em geral e Spot News.

- **Fotografia de notícias em geral**

A fotografia de notícia em geral cobre um evento que é previamente planejado, sendo que estas características dão a oportunidade ao profissional de organizar, minimamente, a forma como vai atuar. Ou seja, eventos previstos como: palestras, espetáculos, entrevistas de imprensa e eventos que são agendados.

É uma cobertura quotidiana. Ainda assim, nesta categoria podemos falar ainda de “*photo opportunities*” ou “*photo ops*”, que acaba por ser o género mais rotineiro das notícias em geral. De forma a dar exemplos pode falar-se da cobertura das cerimónias de estado onde os políticos posam em grupo ou se deixam fotografar enquanto se cumprimentam. É uma boa forma dos políticos escaparem a momentos embaraçosos e em que a possibilidade de dar uma imagem desfavorável é afastada, mas, ao mesmo tempo dão resposta às necessidades dos jornalistas.

As principais preocupações do fotojornalista prendem-se com a necessidade de encontrar um ponto de vista diferente dos restantes colegas, de forma a explorar os diferentes ângulos e, tanto quanto possível, o profissional deve procurar observar traços visíveis da personalidade dos sujeitos fotografados.

É óbvio que, por mais planeado que seja o evento, imprevistos acontecem e muitas vezes com grande interesse e significado. Por este motivo, o profissional deve estar preparado para a diversidade de ocorrências que podem vir a surgir.

Em geral, o fotojornalista escolhe apenas uma fotografia sobre cada acontecimento, e essa única tem de representar o essencial do acontecimento.

- ***Spot News***

São consideradas as fotografias únicas de acontecimentos, frequentemente, imprevistos. São situações em que os fotojornalistas têm pouco tempo para planear as imagens que se quer obter.

É importante que o profissional observe o momento, ainda que a capacidade de reação é que determina a qualidade da imagem captada. Contudo, é experiência profissional que permite ao fotojornalista ordenar e compor rapidamente os elementos que vão surgir na fotografia, de forma a oferecer ao leitor pistas para retirar da imagem o sentido pretendido. É importante sublinhar que o texto acompanha sempre a imagem.

As *Spot News* são, muitas vezes, realizadas em acontecimentos onde as emoções estão à flor da pele, e que exigem um grau de responsabilidade e sensibilidade em lidar com as vítimas de manifestações, acidentes ou com autoridades. Se juntarmos várias *Spot News* sobre um determinado acontecimento traumático pode funcionar como uma história em fotografias, veja-se o exemplo na imagem 8.



Imagem 7 - Na imagem é visível a emoção de uma mulher. Esta fotografia relata a chegada dos peregrinos ao Santuário de Fátima, fotografado por Carlos Pimentel, presente nas galerias do Jornal do Fundão.

5.2. Features

“As *feature photos* são imagens fotográficas que encontram grande parte do seu sentido em si mesmas, reduzindo o texto complementar às informações básicas (quando aconteceu, onde aconteceu, etc.)” (Sousa, 2002:114)

Esta técnica exige rapidez de reação, a mesma que lhe é exigida no formato *Spot News*. Não há uma técnica única para os *features*. Desde o uso das objetivas de formato grande-angular que lhes permite uma aproximação dos motivos o mais possível ao uso de teleobjectivas que permite o ato fotográfico sem ser detetado. Ainda assim, antes de publicar há que pedir autorização.

A única regra é que a imagem fale por si. Uma modalidade que exige paciência e capacidade comunicativa, que coloca à vontade as pessoas enquanto o profissional aproveita para retirar boas ocasiões fotográficas.

Existem três tipos de *feature photos*:

- i. **Fotografias de interesse humano:** a pessoa é o tema principal e o momento mostra a pessoa de forma espontânea e natural, frequentemente de uma forma bem-humorada, veja-se o exemplo na imagem 9.



Imagem 8 - Vinda do atual Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, à Idanha. Fotografado por Miguel A. Lopes. Retirada de: <http://www.jornaldofundao.pt/galeria/idanha-22-mil-escuteiros-aplaudiram-marcelo/>

- ii. **Fotografias de interesse pictográfico:** exige um grande apelo visual e contribui para a educação visual, ensinando o leitor a reparar nas formas e cores que rodeiam a imagem. É um possível promotor de mensagens ou sensações.
- iii. **Fotografias de animais:** são fotografias que, tal como o nome indica, expressam sentimentos ou comportamentos da espécie fotografada. A ideia principal é despertar para algum tipo de risco ou sensibilizar o leitor, ainda assim não deve confundir-se este tipo de fotografia com as de vida selvagem.

5.3. Desporto

Ainda que existam classificações diferentes, alguns autores identificam este género como um *feature* ou notícias em geral, ou seja, para Jorge Pedro Sousa (2002), esta categoria não deveria ser particularizada.

No entanto, e devido à diversidade de desportos e à espetacularização de imagens que se conseguem obter, existe um interesse em particularizar esta dinâmica.

Quando se fotografa desporto é preciso conhecer, pelo menos, algumas regras do jogo para que se possam antecipar os momentos suscetíveis a serem fotografados. Escolher o local de posicionamento é igualmente importante.

As fotografias de desporto necessitam de ser “diferentes”, possuir ação e desencadear emoções. Pode-se dividir esta categoria em dois tipos: a fotografia de ação desportiva e as *features* desportivas.

5.4. Retrato

É um género importante, porque mostra ao leitor quem é a personagem da história e o observador gosta de saber como são as pessoas que realmente aparecem nas histórias. Procura a expressão facial, sendo este um dos primeiros elementos da comunicação humana. Existem dois modelos de retrato, o individual e o de grupo.

Neste modelo existem diversas distinções, onde se pode inserir o retrato do tipo *Mugshot* - do inglês “*to make faces*” - consiste em pequenas fotografias de rosto e ombros de uma pessoa, realçando um traço da personalidade do retratado; e o retrato ambiental, caracterizado pelo destaque do tipo de personalidade mas que ao mesmo tempo brinca com o ambiente em que o sujeito está inserido, ou seja, consiste na inserção de uma pessoa ou de diversas juntamente com objetos ao redor.

5.5. Ilustrações fotográficas

Apesar de na maioria dos manuais surgir como um género, alguns fotojornalistas não consideram as ilustrações um género jornalístico. Ainda assim, as ilustrações podem ser fotografias únicas ou fotomontagens.

Tradicionalmente as ilustrações abordavam temas considerados menos sérios, como por exemplo, a fotografia de um prato delicioso apenas para ilustrar a coluna de receitas de uma revista. Ainda assim, podem-se utilizar ilustrações em peças de maior seriedade, no caso de notícias sobre economia colocando-se uma nota para ilustrar.

Muitas são as formas de utilizar uma ilustração fotográfica, um outro exemplo é o uso de uma bola de futebol entre uma peça desportiva numa revista ou jornal. A maioria das ilustrações utiliza técnicas digitais que procuram criatividade e conhecimento do assunto: tem de existir contextualização entre o texto e a ilustração.

5.6. Histórias em fotografia

Este género consiste na concretização de uma sequência de imagens que narram determinado acontecimento. Destes atos fotográficos podem retirar-se imagens isoladas que funcionam como *spot news*, *features*, retratos, entre outros.

Em todo o caso, as imagens capturadas devem mostrar os diferentes aspetos do assunto reportado. É um género que requer pesquisa, reflexão e tempo.

O profissional quando realiza uma história em fotografias não precisa apenas de fazer uma boa pesquisa. A reflexão e a planificação são igualmente pontos importantes. E o profissional tem de se preparar para fazer, analisar e tratar de um grande volume de imagens.

Problemas sociais, a vida quotidiana das pessoas ou um acontecimento específico, são temas que podem ser abrangidos por uma história fotográfica. Usualmente reúne um diversificado tipo de fotografias, como refere Sousa (2002):

“As picture stories usualmente reúnem cinco tipos de fotografias: (1) planos gerais globalizantes em que participam os principais elementos significativos, (2) planos médios e de conjunto das acções principais, (3) grandes planos e planos de pormenor de detalhes significativos do meio, dos sujeitos e das acções, (4) retratos dos sujeitos, em close-up (grande plano) ou noutros planos, como o plano americano (corte acima dos joelhos) e (5) fotografia de encerramento. Os planos gerais globalizantes devem procurar situar o observador e mostrar-lhe, de preferência numa única imagem, a essência da história” (Sousa, 2002, p.129).

Dentro deste conjunto de fotografias, que narra um determinado acontecimento, podem-se diferenciar dois subgéneros:

- i. **Foto ensaio:** procura analisar a realidade e opinar sobre ela, ou seja, trata-se uma história contada sob um ponto de vista individual. Neste género o texto pode ser tão importante como a imagem.
- ii. **Fotorreportagem:** o objetivo passa por documentar, mostrar os passos evolutivos, situar e caracterizar de forma aprofundada uma situação real. Neste caso são peças não muito extensas, com pequenos textos introdutórios, que não conjugam apenas com uma das imagens, mas com um conjunto delas, ou com legendas individuais.

5.7. Os mais diversos géneros

São vários os géneros que se podem inserir no fotojornalismo. Tal como referido anteriormente, tudo depende da intenção com a qual o jornalista pretende inserir a fotografia. A fotografia de paisagem, devido à sua magnitude, seja ela florestal, marítima, urbana ou mista, e as fotografias de vida selvagem, são exemplos que também podem ser abordados e usados em prol do jornalismo.

Parte II - Relatório de estágio

Capítulo 6 - Enquadramento do Estágio

O presente relatório foi desenvolvido no âmbito do Estágio Curricular, inserido nas actividades de avaliação de ensino-aprendizagem no âmbito do Mestrado em Jornalismo da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior. O projecto de estágio desenvolveu-se durante um período de três meses, com início a 15 de maio de 2017 e término a 15 de julho do mesmo ano no *Jornal do Fundão*, o que possibilitou o enriquecimento pessoal, bem como a aquisição de práticas e valores profissionais.

A actividade foi desenvolvida na sede do jornal, situado no Fundão. Este Estágio Curricular teve como orientadores a Professora Doutora Catarina Rodrigues, orientadora científica e docente da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior, e Nuno Francisco, diretor do *Jornal do Fundão*. A importância da realização deste estágio prende-se directamente com o exercício de actividades ligadas e relacionadas com as unidades curriculares da licenciatura em Ciências da Comunicação e do mestrado em Jornalismo, nomeadamente Atelier de Jornalismo e Webjornalismo.

A motivação para estagiar nesta empresa relacionou-se, desde logo, com a possibilidade de poder demonstrar aptidões e desenvolver competências.

O Estágio Curricular tem como objectivo primordial complementar a formação académica na medida em que proporciona ao estudante universitário a oportunidade de ter contacto com o mundo profissional, assim como, a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo do percurso académico.

Esta segunda parte do relatório está dividida em três pontos principais.

Inicialmente será feita uma breve apresentação do jornal e das suas especificidades. De seguida e, tendo como ponto de partida o objetivo inicial deste relatório, serão analisadas, em dez edições, as principais características das fotografias nas reportagens. Por fim, desenvolve-se a apresentação das conclusões acerca das principais características que compõem as fotografias usadas nas reportagens do *Jornal do Fundão*.

Para além da realização do estágio, que possibilitou efetuar trabalho de campo, promovendo a troca de experiências e o enriquecimento profissional, foi fundamental a pesquisa bibliográfica que permitiu aprofundar o tema enquadrando-o teoricamente.

Capítulo 7 - O caso de um jornal regional: *Jornal do Fundão*

7.1. O Jornal

O *Jornal do Fundão* é um jornal regional fundado na cidade do Fundão em 1946 por António Paulouro. Foi propriedade da família durante muitos anos, porém, atualmente é propriedade da Global Media Group.

Como grande parte dos jornais portugueses, no período do Estado Novo o jornal era alvo de grande vigia política. Em 1965, num dos pontos altos dos episódios representativos da repressão da imprensa, o jornal viu suspensas as suas atividades durante seis meses. A época da censura fez com que muitos jornais vissem as suas páginas reduzidas a notícias escolhidas e editadas. Após a Sociedade Portuguesa de Escritores atribuir o grande prémio de novela ao escritor Luandino Vieira, que havia sido detido por atividades revolucionárias, muitas notícias sobre prémios foram proibidas. O Jornal do Fundão ainda assim noticiou os prémios, elogiou os vencedores. Por este motivo, o jornal foi suspenso durante seis meses e devidamente multado.

Um jornal regional, lido em França, Suíça, Luxemburgo, países com um número significativo de emigrantes.

Para além do formato impresso, tem desde 2001 o seu formato digital. Atualmente a plataforma foi melhorada e tem uma atualização mais regular. A versão digital do jornal é actualizada diariamente contudo, não se pode deixar de destacar a importância do impresso, onde as notícias são mais aprofundadas e explicativas.

7.2. O estágio

O estágio realizado no Jornal do Fundão, com a duração de dois meses, incidiu sobre a aplicação de conhecimentos previamente adquiridos durante o primeiro ano de mestrado, bem como nos três anos antecedentes referentes à licenciatura em Ciências da Comunicação e teve como principais objetivos:

- Desenvolver a capacidade de integração em ambiente profissional;
- Aprofundar conhecimentos do jornalístico - conhecer os profissionais da área, a forma como e onde trabalham;
- Desenvolver espírito autónomo e de iniciativa;
- Desenvolver competências no âmbito do jornalismo, ao nível da realização dos diferentes trabalhos propostos;
- Compreender quais as principais características das fotografias expostas no Jornal.

As metas centram-se na aprendizagem diária, quer com os profissionais do Jornal do Fundão, quer no contato com o público para a realização de notícias.

Durante o período de estágio no Jornal do Fundão, a redação do jornal era composta por um total de sete jornalistas e dois webgráficos, responsáveis por toda a realização do jornal. Neste período foram atribuídas funções à estagiária que passavam pelo controlo da plataforma *online*. A estagiária teve acesso às plataformas de forma a conseguir publicar ou editar notícias.

A plataforma do jornal é responsável pela divulgação de notícias em tempo real. Os dados a noticiar eram transmitidos à estagiária através da plataforma da Agência Lusa ou via contacto com um jornalista do jornal.

No respeitante às notícias reportadas pela Agência Lusa, era de inteira responsabilidade da estagiária seleccionar, editar e publicar as informações. Durante o período de estágio foi também pedido à estagiária que realizasse reportagens a fim de serem publicadas no jornal.

Embora o interesse do jornal fosse maioritariamente político, devido às campanhas eleitorais decorrentes, durante o tempo de estágio, a estagiária tinha total liberdade de escolha e manejo dos temas para a reportagem, sendo da responsabilidade do Diretor do jornal, Doutor Nuno Francisco, a correção e aceitação da mesma.

As tarefas realizadas concederam à estagiária uma percepção maior sobre o trabalho de um jornalista numa redação, habilidade em pesquisa, conhecimento mais aprofundado relativamente ao manuseamento de plataformas Wordpress, assim como uma maior autonomia, rigor e competência na realização das tarefas.

Por último, foi do conhecimento da estagiária de que foram eram seleccionadas e apresentadas as fotografias do jornal.

Embora o jornal dê lugar à publicação de fotografias, as mesmas não precisam de ser recentes muito menos relativas ao acontecimento. Acontece que, na maioria dos casos as notícias cedidas pela Agência Lusa apenas contêm informação textual fazendo com que os jornais usem fotografias de arquivo ou meramente ilustrativas.

Uma das tarefas realizadas pela estagiária passava por pesquisar imagens que ilustrassem determinado tema.

Capítulo 8 - Análise prática

Neste capítulo será analisado o “Grande Tema”, que contém o mesmo modelo de escrita e de fotografia que as reportagens. A escolha desta seleção parte pelo motivo de que não existem reportagens em todas as edições do jornal e de forma a analisar 10 edições seguidas, cujas datas iniciam a 4 de maio e finalizam a 6 de julho. Foram então analisadas 48 fotografias, alusivas a dez edições. Ainda de forma a compreender as diferenças ao longo dos anos percorri cinquenta edições de diferentes anos: 1975, 1992, 2001, 2009 e 2017.

A escolha das datas foi, no caso do ano de 1992, aleatória ainda que este ano tenha sido criação do primeiro túnel da Gardunha que facilitava a deslocação na zona centro (jornal nº. 2381, datado de 10 de abril de 1992). O ano de 1975 destaca-se pelo ano da liberdade de expressão. O ano de 2001 foi marcado pela criação do segundo túnel da Gardunha, noticiado no jornal nº. 2872, data de 7 de Setembro de 2001 e pelo surgimento da plataforma online do jornal, noticiado no jornal nº. 2879 em 26 de outubro de 2001. E, o ano de 2009 foi marcado pelo pastor de Penamacor que ganha a lotaria e que “só queria uma concertina”, história que

invadiu as casas dos portugueses por todos os meios de comunicação, incluindo TV, esta história foi noticiada no jornal nº. 3270 a 16 de abril de 2009.

Antes das edições de 1975, o número de fotografias nas edições do jornal era reduzido.

8.1. Projeto de investigação

O Jornal do Fundão nasceu em 1946, ano em que a fotografia já fazia parte do quotidiano da população.

Após uma breve análise as páginas das edições deste ano observa-se um jornal onde as páginas têm o formato A3, com pouco mais de dez páginas, muitas vezes nem a esse número de páginas chega, o texto é corrido e separava-se por breves linhas de divisão ou títulos.

Ainda que raras, existem edições onde é possível ver algumas imagens ilustrativas acompanhadas de uma breve legenda.

Mais adiante, entre 1954 e 1967, pode observar-se que os grandes temas começam a ter fotografia, sendo dado um grande destaque à imagem.

Tendo em conta a proximidade geográfica e o interesse fotográfico, na análise serão apenas estudadas as características e as especificidades das imagens que são inseridas nas peças de reportagem/grande tema.

O “Grande Tema” é uma peça que se enquadra no género jornalístico correspondente à reportagem.

8.2. Análise das fotografias escolhidas para os grandes temas/reportagens

Separando a análise por ano e começando cronologicamente, serão considerados os seguintes tópicos:

- a) **Número de fotografias por página:** esta pode variar entre uma a dez fotografias;
- b) **Género fotojornalístico** na qual se insere: tal como foi referido anteriormente, existem diversos géneros, ainda que os mais comuns na reportagem sejam os retratos, paisagens ou interesse humano;
- c) **Dimensão das fotografias:** como se sabe uma reportagem ocupa mais espaço textualmente que uma simples notícia, por este mesmo motivo a dimensão das fotografias será classificada em pequena, 1/3, 1/2, página completa ou - apesar de raramente acontecer nos jornais - duas páginas;
- d) **Legenda da fotografia:** É, sem sombra de dúvidas, muito importante perceber qual o tipo de legenda que acompanha uma imagem. Importa saber se a legenda é uma citação, informativa, explicativa, descritiva ou se não existe;
- e) **Foco da fotografia:** O objeto fotografado ou a pessoa, se existe uma maior preocupação com o contraste entre o nítido e o desfoque; a luz-sombra; ou o

cromático; neste ponto analisa-se se a imagem fotografada vai ao encontro das sensações/estímulos, e, ainda, se existe, ou não, incongruência.

- f) **Composição da fotografia:** perceber se a imagem seguiu a regra dos terços, a assimetria ou se o motivo está ao centro;
- g) **Plano da fotografia:** Geral, conjunto, médio, próximo, grande ou em pormenor;
- h) **Autor da fotografia ou fonte:** referência ao seu autor, sendo que a falta de assinatura nota-se mais quando quem escreve é quem fotografa.
- i) **Tempo da fotografia:** A reportagem é algo que não segue tanto a linha de tempo do “aqui e agora”, muitas das reportagens demoram meses a ser realizadas. Desde a pesquisa ao tratamento da informação, muitos são os passos dados pelo jornalista. Por este motivo é importante perceber se a fotografia é atual ou de arquivo.

Foram observados alguns acontecimentos marcantes na região e noticiados no Jornal do Fundão, para dar a entender as principais diferenças e alterações, no que concerne à exposição da fotografia no jornal.

A análise às edições diz respeito ao ano de 2017 constatando-se que as imagens usadas no formato físico são exactamente as mesmas que no formato digital, tendo em conta que o jornal *online* publica as três principais notícias que saíram no jornal impresso.

I) **Análise de 1975 até 2009**

Em 1975, o jornal é composto, em média, por 12 páginas por cada edição.

Neste ano, no que concerne à estrutura do jornal, o texto é mais longo; a apresentação - aquilo a que atualmente intitulamos de “capa” - não tinha uma característica específica, aliás é composta por notícias com grande conteúdo textual, por vezes, desenvolvidas nas páginas seguintes.

As notícias são separadas por limites exteriores ao texto, quando existe alguma imagem ela encontra-se “dentro” do texto ou, geralmente, no canto - esquerdo e direito - das notícias. Em raros momentos existem mais do que duas imagens na mesma página. Tal como comprova a imagem 10: grandes títulos sem o recurso a uma única fotografia, e na imagem 11: o uso da imagem como ilustração de texto.



Imagem 9 - Edição de 6 de abril de 1975 do Jornal do Fundão



Imagem 10 - Edição de 13 de abril de 1975 do Jornal do Fundão

De uma forma geral, quando existe um maior número de fotografias, as mesmas não apresentam texto noticioso, apenas uma breve legenda que explica a sequência do acontecimento. A 18 de maio presencia-se a existência de três fotografias não canto esquerdo e na vertical da página. As imagens mostram a sequência de um acontecimento e são a preto e branco.

Neste ano é celebrado o 25 de abril, uma data histórica para todos os jornais. Com destaque na capa, ainda que sem imagem, mas no corpo da notícia, na parte interior do jornal, já se assiste a uma exposição narrativa de fotografias (imagem 12).



Imagem 11 - Edição do dia 4 de maio de 1975 do Jornal do Fundão

De forma geral as imagens são a preto e branco, não procuram seguir as regras de composição, até porque o que importa é ter “uma” fotografia - é o que comprova a veracidade do acontecimento. Nesta época as fotografias eram um utensílio com um preço bastante avultado.

Em 1992, o número de ilustrações fotográficas vê o seu número aumentado. O formato do jornal é, também, alterado, e ao longo dos anos começa a assemelhar-se ao que hoje conhecemos. Este ano também não tem sempre reportagens associadas ao jornal ainda assim cada edição conta com, pelo menos, 26 páginas.

É na edição de 24 de abril de 1992 que surgem imagens a cores. Já não é apenas o nome do jornal que tem um grafismo colorido (imagem 13).



Imagem 12 - Edição de 24 de abril de 1992 do Jornal do Fundão

Percebe-se que muitas das imagens “perdem” a legenda e o autor. Agora acompanham o texto, são como que um suplemento sempre junto ao texto ou entre o mesmo. Continua a não haver uma preocupação estética da fotografia, até porque o elemento está maioritariamente ao centro.

O jornal vai evidenciando pequenas alterações ao longo dos anos, maioritariamente em termos estéticos: imagens com cor, melhor qualidade e maior quantidade. As primeiras páginas aproximam-se do que estamos acostumados a ver, mas surge um novo “salto” no ano de 2001, que é marcado pelo surgimento do *online*. Este acontecimento é noticiado na edição de 26 de outubro.

Em 2009 o jornal já tem praticamente a mesma estrutura daquilo a que estamos acostumados a folhear. Em termos fotográficos as páginas enchem-se de cor, imagens de diversos tamanhos.

É cada vez mais fácil fotografar um acontecimento. Ao contrário do que acontecia os equipamentos são compactos, leves e acessíveis à grande maioria das carteiras.

8.3. Análise às fotografias usadas no “Grande Tema”

A análise deste ano prende-se de uma forma maioritariamente gráfica de forma a melhorar e facilitar a leitura e compreensão. A mesma terá como estudo o estudo de 48 fotografias.

O estudo assenta sobre os pontos referidos no tópico 2. De uma forma geral o “Grande Tema” é composto por duas páginas, formato A3, exceto na edição de 15 de junho que é composta por três páginas.

a) Número de fotografias por página

Um jornal regional onde faz das tradições reportagens. Onde a fotografia é uma ilustração do acontecimento. Esta análise contou com a observação de 48 fotografias relativas a 10 edições do jornal. As tiragens são relativas a semanas seguidas: iniciando-se a 4 de maio e finalizando a 6 de julho.

Por cada “Grande tema” juntaram várias fotografias que ilustram a peça, que acontece pelo facto de ser difícil seleccionar apenas uma imagem que resuma todo o acontecimento.

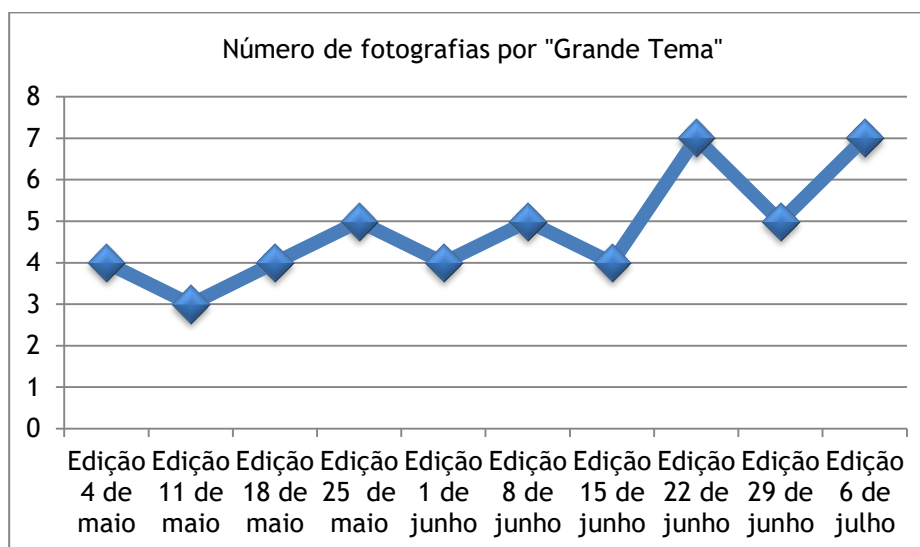


Gráfico 1 - Número de fotografias por "Grande Tema"

Ao longo do tempo, nas dez edições analisadas do Jornal do Fundão, o número de fotografias tende a aumentar. Porém, tudo modifica consoante a qualidade das imagens e do tema em questão. Os temas políticos ou desastres pedem um maior número de imagens.

b) Género fotojornalístico

No que diz respeito ao género fotojornalístico, confirma-se que o mais utilizado é a Fotorreportagem. Na maioria das reportagens as fotografias estão ligadas e tentam contar uma história entre si, estando interligadas temporalmente. Um dos tipos de género também muito utilizado é o retrato.

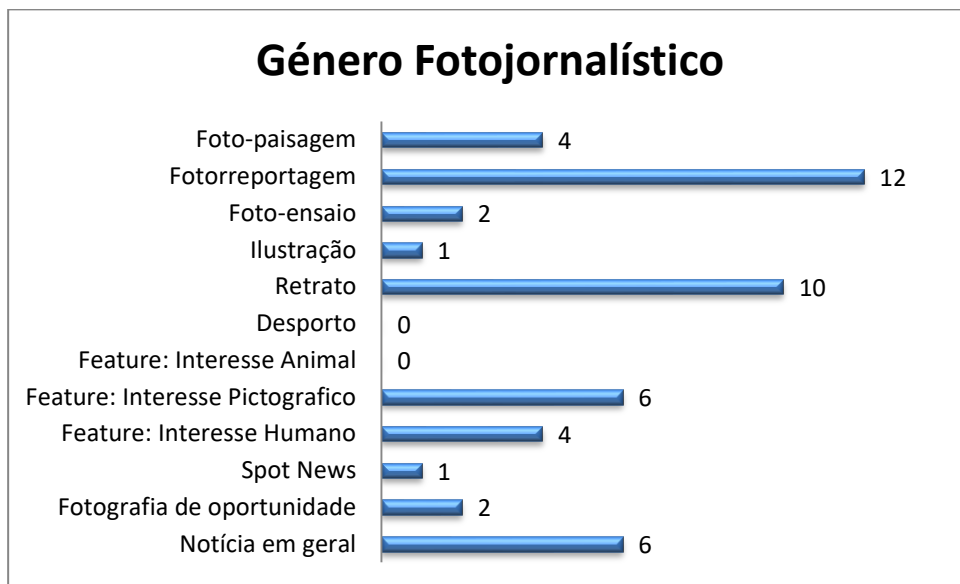


Gráfico 2 - Género Fotojornalístico

Existem, ainda assim, géneros que não são utilizados neste número de edições analisados: desporto e interesse animal. Estes são dois géneros muito específicos. Eventos desportivos ou de vida animal se fossem dados de reportagem acredito que seriam, obviamente, utilizados.

Ainda assim, são géneros muito específicos que de forma específica são aproveitados nos géneros jornalísticos que mais lhes diga respeito: como notícias breves sobre desporto ou animais.

c) Dimensão das fotografias

As fotografias posicionam-se maioritariamente entre as duas páginas que ligam a reportagem ou no centro do texto. No que concerne à dimensão fotográfica o mais usado é 174 de página. Em géneros dimensionais pode-se afirmar que uma meia página é uma fotografia do tipo 15:20. A dimensão 1/3 refere-se a uma 10:15; sendo que a 1/8 é relativa a uma fotografia do tipo passe.

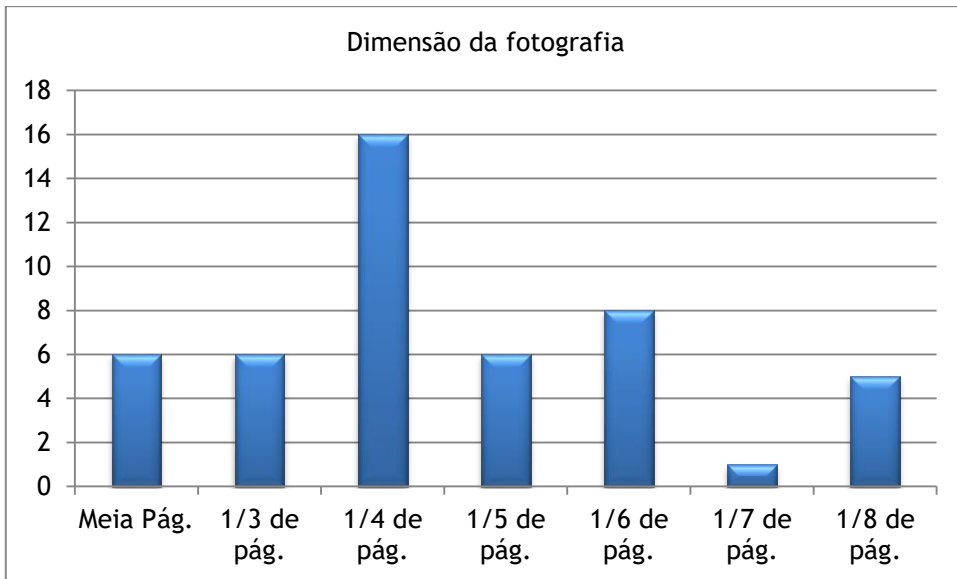


Gráfico 3 - Dimensão da fotografia

Tal como se pode observar o exemplo de um dos dias analisados para que haja uma percepção dos tamanhos usados, na Imagem 13.



Imagem 13 - Edição de 4 de maio de 2017 do Jornal do Fundão

d) Legenda da fotografia

Ainda que existam casos em que a legenda é uma mas, alude a mais de 4 imagens fotográficas. Existem ainda muitas imagens sem legendas, por exemplo, observa-se no “grande tema” em que foi apenas entrevistada uma pessoa a falta da mesma, neste caso, existe uma relação entre o título ou o texto que informa acerca do conteúdo da imagem.

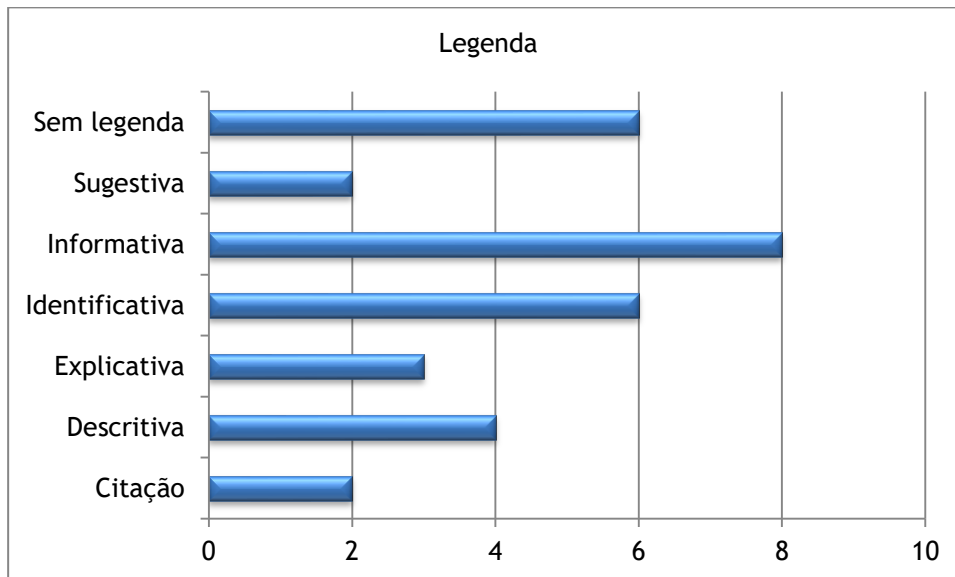


Gráfico 4 - Legenda da fotografia

Contudo, o tipo de legenda mais utilizado é a informativa. A imagem tende a não ser suficiente para acrescentar algum dado, assim o jornalista aproveita e legenda com algo que não colocou no texto.

e) Foco da fotografia

A análise feita conclui que a incongruência de foto-texto é um foco não existente. As páginas referentes ao Grande Tema dão destaque, em geral, apenas ao tema. Logo, a utilização de imagens que pouco ou nada dariam ao encontro com o tema, seria impensável.

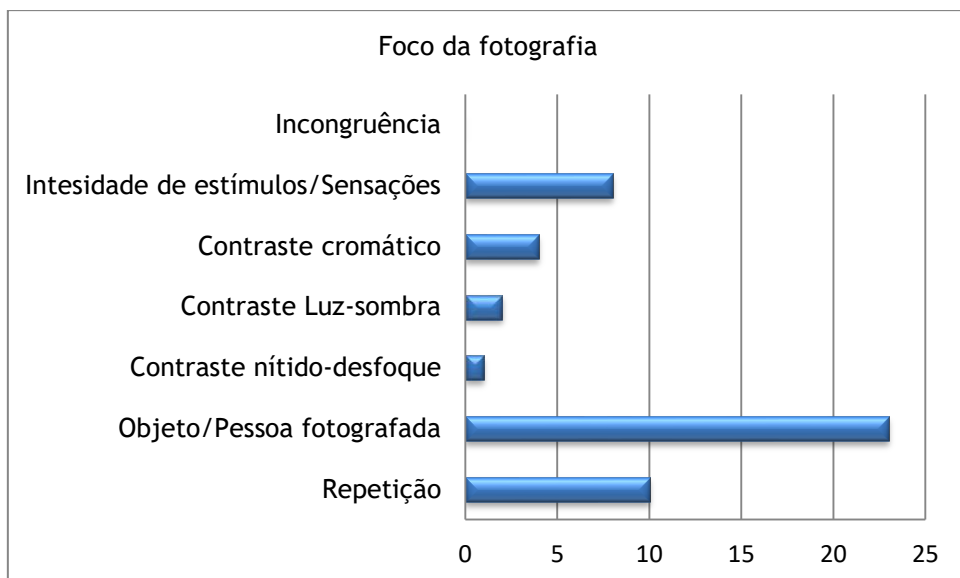


Gráfico 5 - Foco da fotografia

O foco principal das fotografias é o objeto/pessoa fotografada. Existindo pouco destaque nos contrastes nítido-desfoque, que são focos muito utilizados nos métodos fotográficos.

f) Composição da fotografia

Como foi referido ao longo o trabalho existem diversos tipos de composição fotográfica. As mais utilizadas são: Motivo ao centro, assimetria e regra dos terços.

No caso do Jornal do Fundão o mais utilizado é o motivo ao centro (Gráfico X)

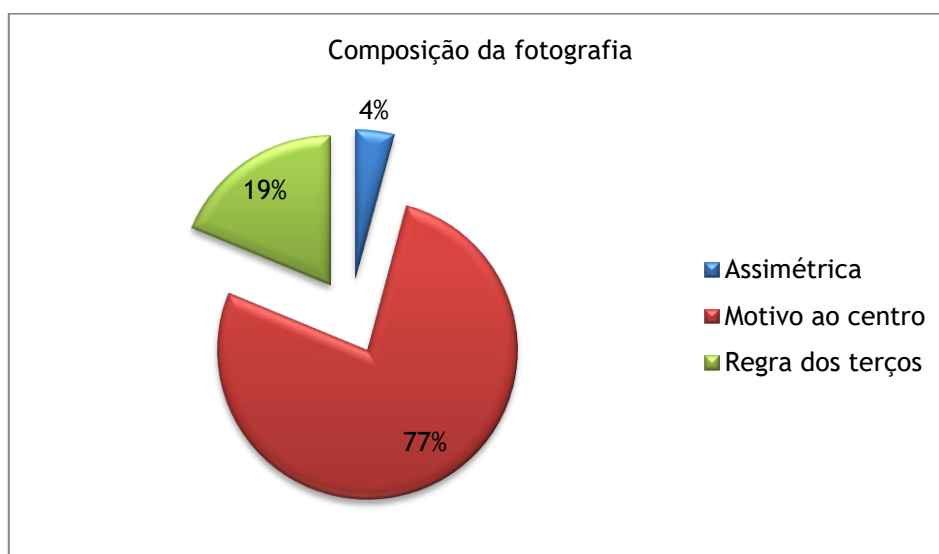


Gráfico 6 - Composição da fotografia

Também se compreende que quem tem maior preocupação com os métodos e regras são os especialistas em fotografia, por isso, é tão importante perceber qual o autor da fotografia. Só ao perceber quem fotografou se pode tirar mais conclusões.

g) Autor da fotografia ou fonte

Diferenciei quatro modelos de autor: Jornalista, Fotografia Cedida/Direitos de autor, Fotógrafo e não especificado. Significa isto que o jornalista é o realizador da notícia - muitas das vezes não tem qualquer tipo de formação fotográfica - e é ele o autor da imagem. A fotografia cedida/direitos de autor são imagens concedidas aos jornais para uso num tema específico. O fotógrafo - profissional ou não no jornalismo - que concebe alguns trabalhos em prol de ajudar o jornalista. Quanto aos não especificados são referentes aos que não têm qualquer tipo de autor.

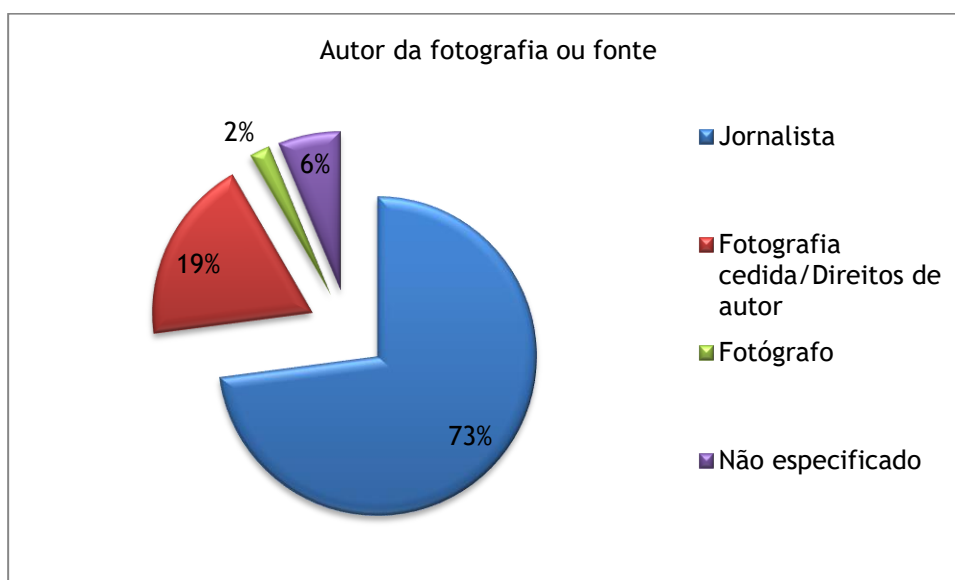


Gráfico 7 - Autor da fotografia ou fonte

Neste sentido, o autor das imagens na reportagem são maioritariamente o jornalista do jornal. Assume-se desta forma que a preocupação é de ter fotografias que acompanhem o texto. No Jornal do Fundão, sabe-se também que não existe nenhum fotojornalista, daí a grande maioria das peças ser acompanhada com imagens fotografadas pelo próprio do jornalista ou terem sido cedidas por algum órgão.

h) Plano da fotografia

O plano da fotografia não tem uso de grandes técnicas. Em análise compreende-se que a composição enquadra o motivo ao centro, num plano geral ou conjunto e um angulo normal.

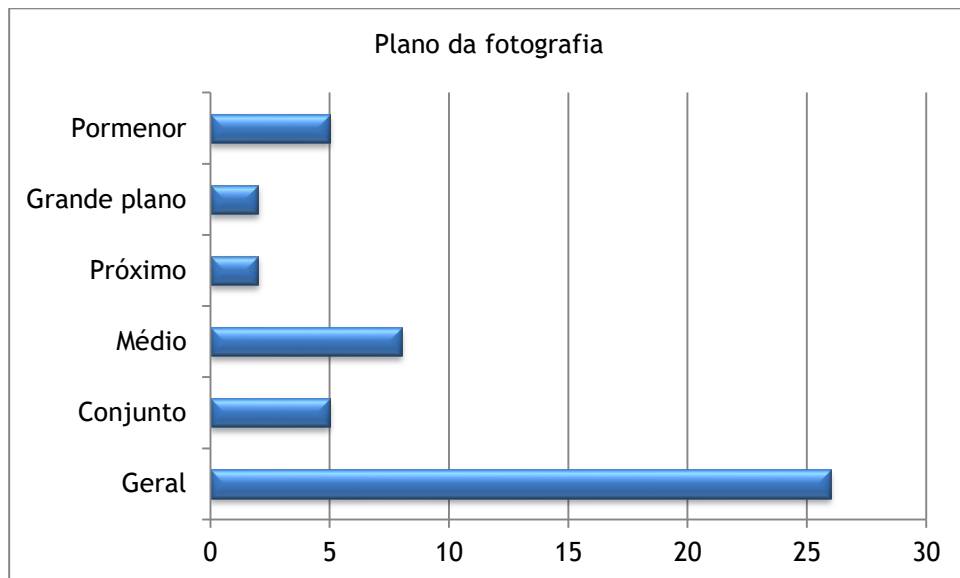


Gráfico 8 - Plano da fotografia

A preocupação com o plano advém de um conhecimento fotográfico que muitos jornalistas não têm. É óbvio, também, que a experiência traz consigo uma técnica impossível de imitar ou reproduzir com tal rapidez. Os jornalistas do Jornal do Fundão são profissionais na área do jornalismo à pelo menos dez anos e como tal conhecem as principais preocupações. O facto de não serem especialistas em fotografia transforma as fotografias em algo menos elaborado. Ao contrário do que se percebe quando são imagens concebidas por um fotógrafo, os *“pontos de vista e abordagens diferentes aos temas. Uma isenção que penso a maior parte dos jornalistas não tem.”*, tal como referiu em entrevista o fotógrafo responsável por alguns trabalhos no Jornal do Fundão, Carlos Pimentel.

i) Tempo da fotografia

Uma reportagem procura referir-se a um facto atual. No caso do Jornal do Fundão a maioria das fotografias são atuais, sendo que, no caso de arquivo apenas ilustram algum modelo textual. A não identificação é relativa à existência de imagens cujos direitos de autor não fazem perceber se são ou não atuais.

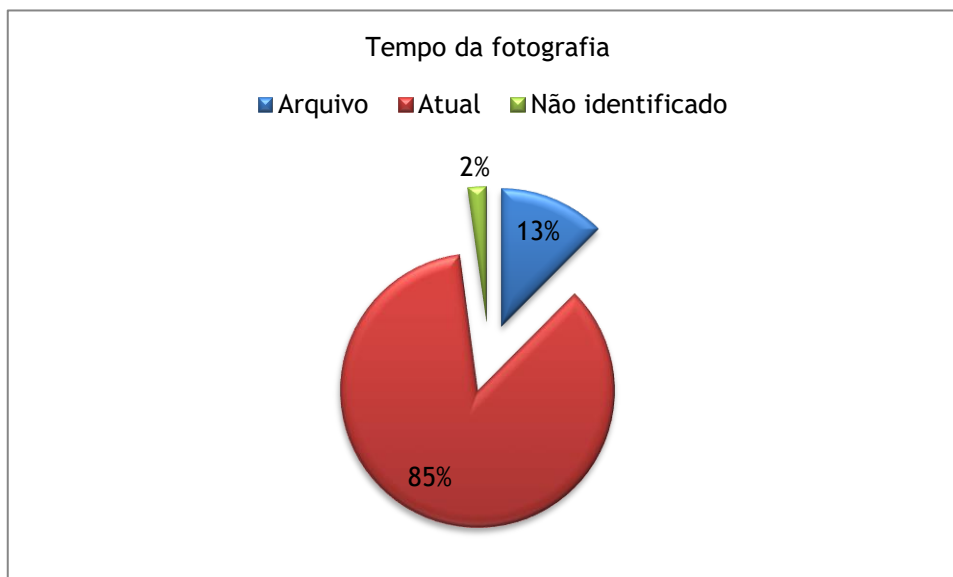


Gráfico 9 - Tempo da fotografia

Usar fotografias antigas para ilustrar algo do presente serve apenas em caso de apontamentos históricos no interior da peça ou em casos, como por exemplo a reportagem sobre a cereja do fundão, que utiliza uma ilustração de cerejas, apesar de ser uma ilustração de arquivo é algo que se mantém sempre atual. Até porque em determinadas ocasiões é muito complicado para o jornalista desdobrar-se e conseguir fazer um bom trabalho fotográfico quando a principal preocupação é a articulação dos factos.

8.4. Observações

Conclui-se que uma peça não abrange apenas uma imagem, na realidade existem várias para a ilustrar. É muito complicado perceber qual a melhor imagem para resumir uma notícia. No caso de uma reportagem a utilização de um maior número de fotos dá a possibilidade de pelo menos quatro fotografias por peça jornalística.

Assiste-se ao longo dos anos um maior número de fotografias por reportagem, com uma grande relação entre o título, o texto e a imagem. A fotografia é um elemento importante, por ser capaz de recuperar e consolidar a memória do leitor.

Nas edições analisadas nem todas foram apresentadas a cores. Três dos dez casos analisados, referentes a casos políticos e a desastres, estão a preto e branco. O preto e branco transporta o leitor para dois tipos de sentimentos: o passado e o sentimento de tristeza. No caso do incêndio, apresentado a preto e branco, torna a imagem mais pesada, com um sentimento de angústia da população.

O género mais utilizado é a fotorreportagem, porque a maior preocupação do jornalista não é só contar uma peça mas transportar o leitor para dentro da mesma.

Geralmente com o motivo ao centro, as fotografias são de ângulo normal, ao contrário do que muitos fotógrafos usam o contrapicado ou o picado para destacar algum sentimento ou característica.

Posicionadas ao centro do texto ou junto a um excerto que explique a imagem, existe sempre relação com o texto, tal como se pode constatar no exemplo da Imagem 14.



Imagem 14 - Edição de 18 de maio de 2017 do Jornal do Fundão

8.5. Diferenças entre o jornal impresso e as publicações Web

Na generalidade pouco ou nada altera. Em grande parte dos casos analisados, as fotografias que acompanham as notícias “lançadas” no *online* são exatamente as mesmas das que compõem o jornal impresso.

O próprio texto é o mesmo. Apenas é encurtado, promovendo assim ao leitor a necessidade de recorrer ao papel para concluir a sua leitura, exemplo na imagem 15.



Imagem 15 -Imagem retirada do Website do jornal do Fundão. Notícia as peregrinações a Fátima. Notícia pode ser acedida em: <http://www.jornaldofundao.pt/sociedade/milhares-beiroes-peregrinacao-fatima/>

A diferença entre a notícia publicada na web e no papel é que as imagens não são espalhadas ao longo do texto, como se presencia no impresso. No formato Web as imagens surgem como “galeria”, que pode simplesmente ser percorrida com um simples clique no cursor.

A “morte” do formato em papel é algo que preocupa todos os trabalhadores do jornal. É este formato - impresso - é que cobre as despesas.

No entanto, o recurso às novas tecnologias traz dificuldades de crescimento. Há quem já não seja apologista do papel, por questões ambientalistas ou simplesmente porque há cada vez mais circulação de informação. O jornal sente necessidade de criar algo diferente e melhor, de forma a atrair maior público.

a) Galerias no Jornal do Fundão *online*

No jornal digital existe um outro modelo de “notícia”, a chamada de “Galeria”. Este formato compõe imagens onde fotografos dão o seu “toque”.

As grandes diferenças são sobre tudo no que diz respeito ao plano, composição, foco, e ângulo. São, notoriamente fotografias captadas com maior rigor e profissionalismo.

Que se focam numa composição onde a regra dos terços é opção, o plano revela pormenores e o foco revela intensidade no contraste nítido-desfoque.

Um trabalho banalizado mas não desvalorizado, “até porque, hoje, com a popularidade das redes sociais a fotografia, mais que nunca, tem um papel muito importante nos sistemas de informação” (Carlos Pimentel, fotógrafo na área da Covilhã).

No *website* do Jornal do Fundão temos acesso a algumas galerias de fotografias, onde estão expostos alguns momentos fotografados por amantes da fotografia, como é o caso da galeria respectiva a peregrinação ao Santuário de Fátima, realizado por Carlos Pimentel, Imagem 16.



Imagem 16 - Imagem do website do Jornal do Fundão. A galeria pode ser acedida através do link: <http://www.jornaldofundao.pt/zonadestaque/um-olhar-no-santuاريو-fatima/>

Nas galerias, o recurso ao trabalho profissional dos fotógrafos é visivelmente maior e, com isto, compreende-se diferenças vertiginosas entre as fotografias usados por jornalistas e por fotógrafos, outro exemplo é a galeria criada por Tânia Araújo, fotógrafa de profissão, imagem 17.

O lado da Serra da Estrela que poucos conhecem

11/07/2017



Tartaranhão Caçador - (c) Tânia Araújo



Imagem 17 - Imagem do Website do Jornal do Fundão. Galeria de Tânia Araújo. Pode ser acedida através do link: <http://www.jornaldofundao.pt/galeria/lado-da-serra-da-estrela-conhecem/>

Embora as imagens sejam qualitativamente melhores: com uso de técnica mais aprofundado; diferença entre o nítido e o desfoque; preocupação com o seguimento das regras (regra dos terços ou assimetria); as galerias contêm pequenos textos que explicam o porquê daquelas imagens e em que situações foram tiradas.

Uma imagem, quando bem tirada, fala por si só. Este é o grande e mais desafiante objetivo de um profissional.

Fotógrafo de profissão, há mais de 25 anos, Carlos Pimentel, apesar de se dedicar maioritariamente a fotografia de casamento realiza trabalhos para outras áreas e revela em entrevista que, enquanto fotógrafo de profissão, procura “ser objectivo e contar uma história com uma imagem”.

Para o profissional na área da fotografia, Carlos Pimentel, este trabalho “é banalizado, talvez. Desvalorizado penso que não, até porque hoje com a popularidade das redes sociais a fotografia mais que nunca tem um papel muito importante nos sistemas de informação”.

b) Relação entre a capa e o “Grande Tema”

Nem sempre as reportagens fazem parte dos temas destacados nas capas dos jornais. No caso do Jornal do Fundão, tal como podemos observar no gráfico número 10, e, tendo em conta, o número de edições analisadas, compreende-se que numa grande maioria existe visibilidade na capa do jornal. Sendo raras as exceções onde não é feita qualquer evidência acerca do tema.

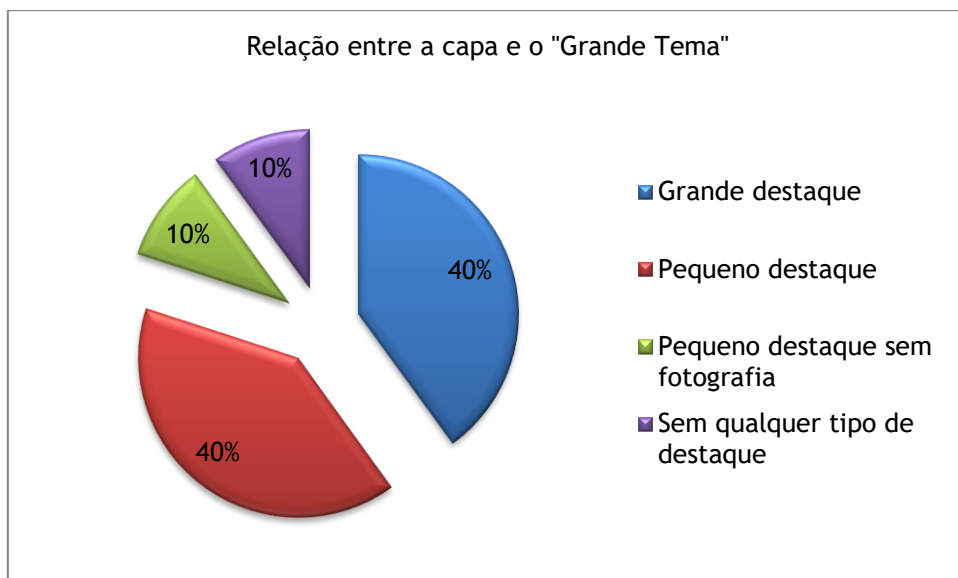


Gráfico 10 - Relação entre a capa e o "Grande Tema"

Além desta relação, podemos ainda salientar, que em todas as capas, o recurso à imagem é quase como uma regra.

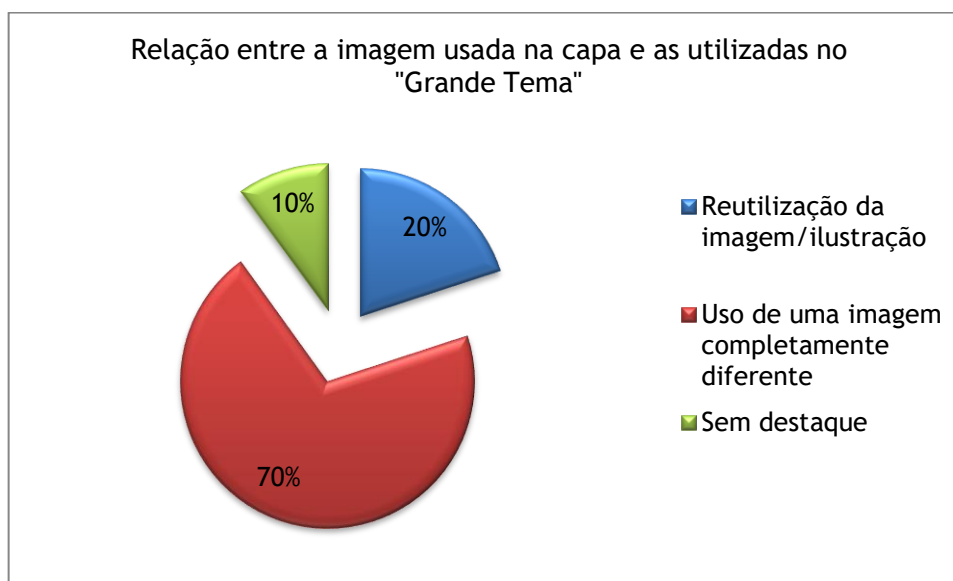


Gráfico 11 - Relação entre a imagem usada na capa e as utilizadas no "Grande Tema"

A capa é um elemento muito importante, quanto mais atrativa se evidenciar maior pode ser o número de leitores interessados. Nem sempre o tema de reportagem é o mais interessante ou importante num jornal, contudo espera-se que seja um elemento de seleção na hora de comprar/ler a edição.

Conclusão

“O fotojornalista é visto como alguém que se furta ao convencional; ao social e politicamente correctos. Temos, por vezes, de fugir à ortodoxia e à normalidade, embora sem desvios éticos e de deontologia para se conseguir desempenhar a missão, dada a dificuldade em transpor os muros altos dos poderes instalados, que condicionam a nossa actividade, mais do que a de qualquer outro jornalista”, Manuel Correia, Fotojornalista do Jornal de Notícias.

Quando analisamos uma fotografia, devemos interrogar qual a razão para a imagem terminar naquele ponto, e qual o motivo que levou o fotógrafo a não fazer o clique mais para a direita ou para a esquerda. Nem sempre existe uma justificação de teor comunicacional mas, o intuito pode ser a escolha de uma mensagem ou, simplesmente, uma opção estética. Em todo o caso, nada nos é dado a conhecer de forma accidental. Não que se trate de manipulação, mesmo que a imagem seja reenquadrada.

O leitor tem o papel de observador e é ele quem interpreta a mensagem, seja de que forma for, seja da fotografia ou do texto ou até do seu conjunto. Para que esta leitura aconteça, os recetores esperam do jornalismo mensagens informativas que ofereçam referências adequadas à realidade apresentada, em especial sobre a perspetiva atual que compõe cada momento.

No que concerne ao jornalismo, a tarefa de “informar” é maioritariamente incumbida às palavras, do que propriamente às imagens, embora as fotografias fortaleçam a informação.

O jornalismo seja ele impresso ou web deve utilizar a fotografia de forma responsável: a imagem espalha-se num ápice, dá que falar, fica na memória mais facilmente do que um longo texto, e tem tanta ou mais força; ela gera sentimentos e desperta emoções, de alcance e impacto universal tem a capacidade de ativar sentidos. Por este motivo, o leitor deve ter a sensibilidade de ver para além de olhar: observar a técnica e a estética.

O fotojornalista do Jornal de Notícias, Manuel Correia refere que enquanto profissionais *“somos uma espécie de intrusos, com a particularidade de nos movimentarmos com relativa descontração. As pessoas já se habituaram à nossa presença. Há casos em que até fazemos parte do “happening”. Somos queridos e desejados; detestados e odiados; às vezes, simplesmente tolerados; outras vezes, somos a esperança dos que já a perderam há muito”.*

Desde a pré-história até aos nossos dias, a imagem sempre ocupou uma posição central no processo de comunicação humana. Lembrando que a alfabetização e a construção de públicos de leitores são fenómenos recentes na história, e que a oralidade sempre predominou como forma de partilhar conhecimento. Contudo, mesmo que os antigos

acreditassem na eficácia do discurso oral, eles aplicavam-lhe a função visual: os discursos eram proferidos em voz alta, com a utilização de gestos e carga emocional.

A fotografia é como um comprovativo de presença, quanto mais não seja da presença do fotojornalista que registou o momento, tornando-o, desta forma, visível aos demais. Tal como observamos, ao longo dos anos os jornalistas tem vindo a ganhar terreno: adquirindo um papel cada vez mais ativo.

Atualmente existem cada vez menos fotojornalistas. É dado ao jornalista o trabalho de fotografar. O jornalista é hoje polivalente: entrevista, elabora texto, informa, fotografa e edita a fotografia consoante as necessidades. Enquanto ao fotojornalista é exigida formação e disponibilidade: para estabelecer relações com o meio que o rodeia.

O desencadeamento das novas tecnologias gera novas tendências e exigências: existem muitas imagens e poucas fotografias, pois a boa fotografia é aquela que fala por si só, que nos transmite algo; estamos submersos num mundo de imagens que espelham comportamentos, formas de estar e emoções do quotidiano.

A sociedade atual tem uma nova “atividade”, a de produzir e consumir imagens. É com esta nova tendência que o trabalho dos profissionais têm de ir ao encontro das preferências do público, pois esta nova “tendência” influencia a determinação das exigências para com a realidade.

As fotografias analisadas são reveladoras, em parte, de algumas tendências merecedoras de registo. Constata-se através das reportagens das edições do jornal analisado que a fotografia tem ganho espaço e destaque. A média é de quatro de fotografias por “Grande Tema” mas esta tendência tem vindo a aumentar.

As fotografias usadas tendem a ocupar mais de metade do “Grande Tema”, como podemos observar na imagem 18, pode muito bem dizer-se que o número de colunas por página corresponde ao número de fotografias pela mesma: a edição detalhada tem três colunas e três fotografias.



Imagem 18 - - "Grande Tema" da edição de 22 de junho de 2017 do Jornal do Fundão

Ao longo da análise constata-se o uso de muitas fotografias para a representação de um só tema. Pode-se, então, questionar em qual dos casos o valor informativo será maior: num conjunto de fotografias, mais pequenas, ou quando usada uma fotografia de maior dimensão que consiga representar um determinado acontecimento? Na realidade, não há uma resposta certa nem errada. Ainda assim, é importante referir que nem sempre quantidade é sinónimo de qualidade.

Por fim, verifica-se que a capa do jornal tem, quase sempre, destaque do “Grande tema” e nesta está presente a dimensão verbal - o título - e não-verbal - a fotografia, são raros os casos em que apenas existe o título como evidência.

Com esta dupla dimensão - verbal e não-verbal - o leitor, de acordo com a sua sensibilidade e conhecimento, pode ser atraído pela imagem ou pelo texto.

Confirma-se, ainda, que as hipóteses colocadas são afirmativas, ou seja: 1) o número de fotografias utilizadas por grande tema tem tendência a aumentar; 2) o jornalista exerce a função de fotógrafo sem conhecimento técnico de fotografia; 3) a maioria das fotografias, utilizadas nas reportagens, são captadas no momento, ou seja, são atuais; 4) as imagens utilizadas no impresso são as mesmas que as publicadas na plataforma online.

Referências bibliográficas

- Aguiar, Kátia Fonseca (2006), *Fotografia digital: hibridações e fronteiras*, Bocc.UBI: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/aguiar-katia-fotografia-digital.pdf>
- Alves, Artur Jorge de Matos (s.d.), *Reprodutibilidade e Reprodução Técnica: do Método Científico ao Clone Biológico*, Universidade Nova de Lisboa
- Amar, Pierre-Jean (2001), *História da Fotografia*, Lisboa: Edições 70
- Barthes, Roland (2005), *A câmara clara*, Edições 70
- Benjamin, Walter (1955), *A Obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*
- Bianco, Nelia R. Del (2004), *A Internet como fator de mudança no jornalismo*, UBI: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-internet-mudanca-jornalismo.pdf>
- Canavilhas, João (2014), *A reportagem paralaxe como marca de diferenciação da Web*, UBI: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-2015-reportagem-paralaxe.pdf>
- Canavilhas, João (2014), *Webjornalismo - 7 caraterísticas que marcam a diferença*, LABCOM: http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf
- Cordeiro, Ricardo (2005/2006), *Fotografia publicitária e fotografia jornalística: pontos em comum*, UBI <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-ricardo-fotografia-publicitaria.pdf>
- Correia, Frederico (s.d.), *Jornalismo do cidadão - quem és tu?*, UBI <http://www.bocc.ubi.pt/pag/correia-frederico-jornalismo-do-cidadao.pdf>
- Correia, Manuel, *Fotojornalismo - um olhar do repórter*, s.d., acessado em: <http://www.ipv.pt/forumedia/5/14.htm>
- Dubois, Philippe (1992), *O acto fotográfico*, Comunicação & linguagens
- Ferreira, Jorge Carlos Felz (s.d.), *A imagem na Web: Fotojornalismo e Internet*, UBI: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/felz-jorge-imagem-web-fotojornalismo-internet.pdf>
- Flusser, Vilém (1998), *Ensaio sobre a fotografia para uma filosofia da técnica*, Relógio D'Água
- França, Joana (2014), *O que (não) veem os nossos olhos - Fotojornalismo na imprensa portuguesa*, Universidade de Coimbra: [https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/27370/1/O%20que%20\(n%C3%A3o\)%20veem%20os%20nossos%20olhos%20-%20Fotojornalismo%20na%20imprensa%20portuguesa.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/27370/1/O%20que%20(n%C3%A3o)%20veem%20os%20nossos%20olhos%20-%20Fotojornalismo%20na%20imprensa%20portuguesa.pdf)
- Gradim, Anabela, (s.d.), *Manual de Jornalismo: Livro de Estilo do Urbi et Orbi*, UBI: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-1.pdf>
- Golzio, Derval (2013), *Fotografia e imprensa: Breve itinerário sobre usos e tecnologias*, João Pessoa; editora UFPB
- Guillemot, Michel; Talamon, Laure (2000), *Memórias do Mundo das origens ao ano 2000*, Círculo de leitores

- Jornal do Fundão: <http://www.jornaldofundao.pt/>
- Lopes, Frederico (1996), *Fotografia e Modernidade*, UBI: http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopes-fred_fotografia.pdf
- Livro de estilo: http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/14-fotografia.html
- Martins, Célia (2013), *A imagem fotográfica como uma forma de comunicação e construção estética: apontamentos sobre a fotografia vencedora do World Press Photo 2010*, UBI: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-celia-2013-imagem-fotografica-como-uma-forma-de-comunicacao.pdf>
- Oliveira, Erivam Morais de (s.d), *Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital*, bocc.ubi: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogica-fotografia-digital.pdf>
- Paraíso, Gustavo José Barbosa (2007), *A Crise da Aura na Fotografia: estudos sobre os desdobramentos do texto de Walter Benjamin, a obra de arte na era de sua reprodutibilidade*, Universidade Federal Da Paraíba: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/paraizo-gustavo-crise-na-fotografia.pdf>
- Pérez, Arturo Merayo (1997), *La nueva sociedad de la información: tendencias, riesgos y soluciones*, Universidad Pontificia de Salamanca: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/merayo-arturo-sociedad-informacion.pdf>
- Rancière, Jacques (2011), *O destino das imagens*, Edição portuguesa, Lisboa
- Sousa, Jorge Pedro (1998), *Uma História crítica do fotojornalismo ocidental*, Porto: http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-historia_fotojorn1.html
- Sousa, Jorge Pedro (2002), *Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*, Porto: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>
- Teckny, Antonio, A importância da fotografia na medicina, Revista brasileira de Reumatologia, 2006 http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0482-50042006000300008&script=sci_arttext&tlng=pt , acessada em 2017/05/21
- Wikipédia - Jornal do Fundão: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal_do_Fund%C3%A3o
- World Press Photo: <https://www.worldpressphoto.org/>

i. **Anexos**

I. Guião da entrevista

Guião de perguntas ao fotógrafo colaborador com o Jornal do Fundão

- Há quantos anos trabalha neste ramo?
- Que tipo de especialização tem?
- Que tipo de trabalhos costuma fazer?
- Quais as principais dificuldades que encontra na sua profissão?
- Que mais-valia pode um fotógrafo profissional acrescentar ao jornalismo, não sendo jornalista?
- No que concerne ao trabalho efetuado para um jornal, quais as maiores preocupações?
- Tendo em conta que hoje toda a gente tem a capacidade de captação fotográfica, acha que o trabalho fotográfico tem vindo a ser desvalorizado? De que forma?

A resposta às questões foi feita por via electrónica, pois o Fotógrafo que colabora com o Jornal do Fundão, não tinha disponibilidade para a realização da entrevista pessoalmente. Tendo como respostas às questões o seguinte:

- *Há quantos anos trabalha neste ramo?*

“25 anos”

- *Que tipo de especialização tem?*

“Fundamentalmente autodidata. Nos últimos anos fiz alguns workshops.”

- *Que tipo de trabalhos costuma fazer?*

“Já fiz trabalhos fotográficos de muitos géneros. Fotojornalismo, moda, publicidade, fotografia de estúdio e vários tipos de reportagens sociais. Neste momento dedico-me mais à fotografia de casamento.”

- *Quais as principais dificuldades que encontra na sua profissão(enquanto fotógrafo)?*

“Neste momento as principais dificuldades prendem-se com manter-me atualizado e encontrar colaboradores competentes.”

- *Que mais-valias pode um fotógrafo profissional acrescentar ao jornalismo, não sendo jornalista?*

“Pontos de vista e abordagens diferentes aos temas. Uma isenção que penso a maior parte dos jornalistas não tem.”

- *No que concerne ao trabalho efetuado para um jornal, quais as maiores preocupações?*

“Penso que nesse aspecto ser objectivo e contar uma história com uma imagem.”

- *Tendo em conta que hoje toda a gente tem a capacidade de captação fotográfica, acha que o trabalho fotográfico tem vindo a ser desvalorizado? De que forma?*

“Banalizado talvez. Desvalorizado penso que não, até porque hoje com a popularidade das redes sociais a fotografia mais que nunca tem um papel muito importante nos sistemas de informação.”

Carlos Pimentel, a 08-08-2017.

II. "Grande Tema" utilizado para a análise



1 - Reportagem sobre a peregrinação: edição de 4 de maio - Jornal do Fundão



2 - Leilão de Cerejas: edição de 11 de maio - Jornal do Fundão

GRANDE TEMA

ENERGIA + EMPRESA VAI CONSTRUIR CENTRAL SOLAR DA REGIÃO

Depois do vento, Generg injeta 20 milhões na energia solar

■ Está em fase final de licenciamento o projeto de construção do primeiro parque solar da região. O parque será construído pela Generg na freguesia de Alcains, ocupará 80 hectares de uma propriedade adquirida para o efeito

Carlo Domingos, 37
CEO da Generg, um empresário de origem portuguesa que se mudou para o Reino Unido em 2008, decidiu apostar na energia solar em Portugal. Com uma experiência de 20 anos no setor, ele decidiu apostar na energia solar em Portugal. Com uma experiência de 20 anos no setor, ele decidiu apostar na energia solar em Portugal. Com uma experiência de 20 anos no setor, ele decidiu apostar na energia solar em Portugal.

PARQUE SOLAR DE FEMEIRA DO ALENTEJO
Experiência do Alentejo vai ser estendida à Beira Baixa

Um acréscimo de 20 milhões de euros à conta de 20 milhões de euros de investimento em energia solar em Portugal. Com uma experiência de 20 anos no setor, ele decidiu apostar na energia solar em Portugal. Com uma experiência de 20 anos no setor, ele decidiu apostar na energia solar em Portugal.



APROVEITAMENTO
Beira Interior exporta energia

A REDUÇÃO da dependência de energia elétrica em Portugal é uma realidade. A produção de energia elétrica em Portugal é uma realidade. A produção de energia elétrica em Portugal é uma realidade. A produção de energia elétrica em Portugal é uma realidade.

Portugal destaca-se entre os países da zona mediterrânica por ter uma das maiores capacidades de produção de energia elétrica em Portugal. A produção de energia elétrica em Portugal é uma realidade. A produção de energia elétrica em Portugal é uma realidade.

QUADRO

Dados	Produção de energia elétrica (MWh/ano)	Número de habitantes (milhares)
Castelo Branco	165400	113723
Guarda	1464138	326071

3 - Reportagem sobre a energia solar: edição de 18 de maio - Jornal do Fundão

GRANDE TEMA

ACADEMIA DE MÚSICA + 200 PRÉMIOS

Há vinte anos a descobrir talentos

■ Duzentos prémios em apenas vinte anos. Uma vida feita de música, muito trabalho e empresas O Sonho renasce todos os anos com a chegada de novos alunos

Lúcia Reis, 47
Fundadora da Academia de Música O Sonho, uma escola de música que se tornou um ponto de encontro para muitos músicos. A Academia de Música O Sonho é uma escola de música que se tornou um ponto de encontro para muitos músicos.

Orquestra de jovens

Um grupo de jovens músicos que se tornou um ponto de encontro para muitos músicos. A Academia de Música O Sonho é uma escola de música que se tornou um ponto de encontro para muitos músicos.



ROSA ENTREVISTA
“Falta capacidade de diálogo regional”

Uma entrevista com Rosa, uma mulher que se tornou um ponto de encontro para muitos músicos. A Academia de Música O Sonho é uma escola de música que se tornou um ponto de encontro para muitos músicos.

Os alunos

Um grupo de alunos que se tornou um ponto de encontro para muitos músicos. A Academia de Música O Sonho é uma escola de música que se tornou um ponto de encontro para muitos músicos.

Orquestra de jovens

Um grupo de jovens músicos que se tornou um ponto de encontro para muitos músicos. A Academia de Música O Sonho é uma escola de música que se tornou um ponto de encontro para muitos músicos.

4 - Reportagem sobre a escola de música: edição de 25 de maio - Jornal do Fundão

Helena Freitas lançou o Plano Nacional de Coesão Territorial com a missão de identificar e apresentar soluções que minimizem as assimetrias entre territórios. Uma missão difícil mas que pretende levar até bom porto mesmo com todas as condicionantes que se apresentam

“É no diálogo com os territórios que temos de construir a diferença”

Célia Domingues e Luis Neves //

JORNAL DO FUNDÃO - Que tempo faz dos seis meses de execução do Plano Nacional de Coesão Territorial (PNCT)?

HELENA FREITAS - O PNCT identifica cinco eixos de intervenção que são transversais a todas as regiões da Comissão, apesar de cada uma ter as suas prioridades. Há uma estratégia de longo prazo e de execução das medidas e de taxa de execução. Estamos a trabalhar em conjunto e a fazer um trabalho conjunto. Há uma estratégia de longo prazo e de execução das medidas e de taxa de execução. Estamos a trabalhar em conjunto e a fazer um trabalho conjunto. Há uma estratégia de longo prazo e de execução das medidas e de taxa de execução. Estamos a trabalhar em conjunto e a fazer um trabalho conjunto.



...que alicerça e progressa no tempo original que é aquele que não é ditado por um projeto político, mas que se vai construindo ao longo do tempo. É a ideia que se vai desenvolvendo e que se vai ajustando às necessidades e às possibilidades de cada território. É a ideia que se vai desenvolvendo e que se vai ajustando às necessidades e às possibilidades de cada território. É a ideia que se vai desenvolvendo e que se vai ajustando às necessidades e às possibilidades de cada território.

Qual é o desafio maior da estratégia?

...que alicerça e progressa no tempo original que é aquele que não é ditado por um projeto político, mas que se vai construindo ao longo do tempo. É a ideia que se vai desenvolvendo e que se vai ajustando às necessidades e às possibilidades de cada território. É a ideia que se vai desenvolvendo e que se vai ajustando às necessidades e às possibilidades de cada território.

Os 147 municípios do PNCT, qual o prazo que se tem?

...que alicerça e progressa no tempo original que é aquele que não é ditado por um projeto político, mas que se vai construindo ao longo do tempo. É a ideia que se vai desenvolvendo e que se vai ajustando às necessidades e às possibilidades de cada território. É a ideia que se vai desenvolvendo e que se vai ajustando às necessidades e às possibilidades de cada território.

Tem como conciliar que possa acontecer?

...que alicerça e progressa no tempo original que é aquele que não é ditado por um projeto político, mas que se vai construindo ao longo do tempo. É a ideia que se vai desenvolvendo e que se vai ajustando às necessidades e às possibilidades de cada território. É a ideia que se vai desenvolvendo e que se vai ajustando às necessidades e às possibilidades de cada território.



“A primeira coisa que gestório é a mais difícil: é de que está a iniciar-se um designo coletivo”

“Muitas vezes é não haver recursos humanos para a abertura de trabalho que há”



...que alicerça e progressa no tempo original que é aquele que não é ditado por um projeto político, mas que se vai construindo ao longo do tempo. É a ideia que se vai desenvolvendo e que se vai ajustando às necessidades e às possibilidades de cada território. É a ideia que se vai desenvolvendo e que se vai ajustando às necessidades e às possibilidades de cada território.

...que alicerça e progressa no tempo original que é aquele que não é ditado por um projeto político, mas que se vai construindo ao longo do tempo. É a ideia que se vai desenvolvendo e que se vai ajustando às necessidades e às possibilidades de cada território. É a ideia que se vai desenvolvendo e que se vai ajustando às necessidades e às possibilidades de cada território.

...que alicerça e progressa no tempo original que é aquele que não é ditado por um projeto político, mas que se vai construindo ao longo do tempo. É a ideia que se vai desenvolvendo e que se vai ajustando às necessidades e às possibilidades de cada território. É a ideia que se vai desenvolvendo e que se vai ajustando às necessidades e às possibilidades de cada território.

7 - Reportagem em formato entrevista a Helena Freitas: edição de 15 de junho - Jornal do Fundão

GRANDE ENTREVISTA

liar precioso que é a agenda digital: o mundo está conectado no qual as distâncias já pouco importam.

Mas a mudança no terreno não está nas suas mãos, como sabe...

...É verdade, sou apenas uma protagonista transitória de uma situação.

Estamos a falar da necessidade de ter mais pessoas no Interior...

... Não tem de ser necessariamente mais pessoas! Temos de garantir que haja condições de prosperidade, que há igualdade de tratamento e que o Estado está presente. Não tenho grande preocupação em que aconteça um grande "boom" de população e não acho que isso possa acontecer.

E o que é preciso fazer para que isso aconteça?

Modificar a mentalidade! Deixámo-nos de ter em dois terços do território uma atividade agrícola dominante mas também não temos outra coisa, não construímos alternativas. Temos de o fazer e isso passa por percebermos que temos territórios em que a valorização passa pela vinha, pelo azeite ou pela alta tecnologia. Os territórios do Interior não estão condenados ao setor agroalimentar e este até pode ser mais tecnológico do que outro qualquer.

Que futuro prevê para aqueles concelhos nas "franjas" das cidades urbanas, com três mil habitantes? Vão desaparecer?

A extinção não será formal. No país temos cinco a dez concelhos com menos de três mil habitantes. Esta é uma excelente questão. Penso que a lógica administrativa está descontextualizada. Os territórios têm hoje uma organização que já não será mais ajustada à realidade mas também não será sensato abandonar a proximidade que, apesar de tudo, este nível administrativo ainda garante um pouco à semelhança do que aconteceu com as freguesias... mas depois perdemos a proximidade. Este é um equilíbrio difícil.

Então o que pode o Estado fazer nestes concelhos que ficam no "Interior do Interior"?

Se pudesse e tivesse apoio político penso que se justificaria um plano específico de apoio, quase um programa único para esses municípios. Eu sou muito pragmática: olho para aquilo que tenho e é com isso que temos de trabalhar, com as comissões de coordenação, com as comunidades intermunicipais, os municípios e as freguesias. Penso que se começamos a fazer o exercício, que agora nos foi posto na lógica da estratégia regional, se otharmos para as comunidades intermunicipais (CIM) como a nova realidade, elas podem começar também a definir as estratégias dos territórios de caráter sub regional. Propus recentemente que todas as CIM fizessem um Plano de Coesão para perceber-



“O país vive hoje numa assimetria insustentável”

em em que áreas é que devem investir.

Fala em coesão. Como isso é possível quando um distrito como o de Castelo Branco, com 11 concelhos, tem três comunidades que tocam em três distritos?

Se calhar não se justifica mas é o que temos. Mas estes concelhos irão perceber mais tarde ou mais cedo de que talvez não seja este o melhor

modelo. E se houver condições para uma interação entre elas, seria muito positivo.

Durante estes meses percorreu o país. Que apelos mais lhe fazem?

Os apelos e pedidos são permanentes e em coisas muito diversas. Uma vez querem saber porque estão nos territórios de baixa densidade ou não estão; outros que não deve existir discriminação positiva

porque não se justifica; outras pessoas que acham que é preciso mais dinheiro, mais investimentos... Há de tudo.

Na região de Castelo Branco exige-se o IC 31 e a redução do valor das portagens. Fazem sentido estas reivindicações?

Existem uma série de infraestruturas rodoviárias, as tais conectividades, que são mais um elemento a

adicionar. Já o comentei com o Governo que é absolutamente essencial pensarmos nas infraestruturas rodoviárias que podem fazer a diferença...

... Contado foi um ponto que esteve ausente da última a Cimeira Ibérica.

Sim é verdade e tenho pena. Mas houve um compromisso do Primeiro Ministro que faz questão que se faça uma avaliação dessas infraestruturas que são importantes na perspetiva da cooperação transfronteiriça. Posso garantir que há esse entendimento e perspetiva de candidatar projetos de âmbito ibérico. Até agora não existiam essas condições no âmbito dos programas europeus.

Na região da Beira Interior tenho também a preocupação das obras na A25. É importante que Vilar Formoso não perca com esta intervenção.

A redução do valor de portagens na A23, como sabe, permanece na ordem das exigências. O Plano de Coesão propôs uma redução, ela não foi além dos 15 por cento. Isso satisfaz?

Não, de todo. Temos procurado que seja mais. É uma matéria que tem custos. Dizem-me que é importante ir avaliando o impacto da redução feita para ver se é viável fazer uma redução progressiva. Essa abertura mantém-se. Entendo também que para as pequenas e micro empresas no Interior a taxa de IRC deveria ser zero. Poder-se-ia também encetar a possibilidade de o tráfego que se desloca diariamente entre concelhos vizinhos não tivesse que pagar. São mobilidades que têm muito a ver com emprego ou a habitação.

Como sabe há quem olhe para o vosso trabalho na Unidade de Missão e depois na execução das vossas propostas pelos ministérios com algum descrédito. Foram muitos anos a ouvir promessas para o Interior. No final do ano, quando se cumprir o primeiro ano de trabalho, que balanço gostaria de fazer?

A primeira coisa que gostaria é a mais difícil: a de que esta missão fosse um desígnio coletivo. E isso é difícil com razões que se prendem com as diferenças, desentendimentos e as lógicas. E todas as entidades deveriam perceber-lo: os partidos, os membros do governo, as entidades dos territórios. Reivindicamos a solidariedade dos europeus, que também não criaram nenhuma sub região sul para atribuírem financiamentos. Foi feita em função de princípios e indicadores que permitiram a solidariedade. Da mesma maneira poderíamos fazer em Portugal, mas é impossível, porque ainda não estamos nesse tempo, porque acredito que o conhecimento tem de nos fazer mais sábios.

CORO MISTO DA BEIRA INTERIOR • CONCURSO CORNICIUS

Quatro medalhas no regresso aos concursos

Seis anos depois o Coro Misto da Beira Interior regressou aos concursos internacionais. A cidade histórica de Tournai, na Bélgica, foi o destino. Na bagagem o sombo de triunfar. No regresso duas medalhas de ouro e duas de prata na bagagem. Podia ter sido melhor? Sim podia. Por três décimas a terceira de ouro ficou adiada... para o próximo concurso

Luís Novo - JP

Quando se fala em concursos internacionais de coros, o nome do Coro Misto da Beira Interior não vem à cabeça. Mas, há seis anos, este coro regressou aos concursos internacionais de canto coral. Foi em Lisboa, na Academia de Música, que o coro participou no concurso internacional de canto coral "Cornicius". Depois de seis anos de ausência, o coro regressou aos concursos internacionais de canto coral. Foi em Lisboa, na Academia de Música, que o coro participou no concurso internacional de canto coral "Cornicius". Depois de seis anos de ausência, o coro regressou aos concursos internacionais de canto coral. Foi em Lisboa, na Academia de Música, que o coro participou no concurso internacional de canto coral "Cornicius".

Na bagagem do regresso ao mundo dos concursos internacionais de canto coral, o Coro Misto da Beira Interior regressou com duas medalhas de ouro e duas de prata. O regresso ao mundo dos concursos internacionais de canto coral foi um sucesso. O coro participou no concurso internacional de canto coral "Cornicius" em Lisboa, na Academia de Música. O regresso ao mundo dos concursos internacionais de canto coral foi um sucesso. O coro participou no concurso internacional de canto coral "Cornicius" em Lisboa, na Academia de Música. O regresso ao mundo dos concursos internacionais de canto coral foi um sucesso. O coro participou no concurso internacional de canto coral "Cornicius" em Lisboa, na Academia de Música.



Esforço e dedicação para o sucesso

O regresso ao mundo dos concursos internacionais de canto coral foi um sucesso. O coro participou no concurso internacional de canto coral "Cornicius" em Lisboa, na Academia de Música. O regresso ao mundo dos concursos internacionais de canto coral foi um sucesso. O coro participou no concurso internacional de canto coral "Cornicius" em Lisboa, na Academia de Música. O regresso ao mundo dos concursos internacionais de canto coral foi um sucesso. O coro participou no concurso internacional de canto coral "Cornicius" em Lisboa, na Academia de Música.



Coro aplaudido por em Berlim

O regresso ao mundo dos concursos internacionais de canto coral foi um sucesso. O coro participou no concurso internacional de canto coral "Cornicius" em Lisboa, na Academia de Música. O regresso ao mundo dos concursos internacionais de canto coral foi um sucesso. O coro participou no concurso internacional de canto coral "Cornicius" em Lisboa, na Academia de Música. O regresso ao mundo dos concursos internacionais de canto coral foi um sucesso. O coro participou no concurso internacional de canto coral "Cornicius" em Lisboa, na Academia de Música.



Coro aplaudido por em Berlim

11 - Reportagem sobre o concurso de coros: edição de 6 de julho - Jornal do Fundão

III. Imagem da Capa do Jornal do Fundão: dez edições analisadas

JORNAL DO FUNDÃO

FUNDADOR: ANTONIO FALCÃO | DIRECTOR INTERINO: NUNO FRANCISCO | SEMANÁRIO ANO 72 Nº 3690 - 4 DE MAIO DE 2017 - € 0,80 INCLUIDO IVA

Quinta das Formas

5

VENIBO DE QUALIDADE

Tel. 275 471 670 - Fax 275 471 672
8330 - 181 Covilhã Formosa - Sabugal
e-mail: info@quintadasformas.pt

REGIÃO GRANDE TELA

Centenas de peregrinos rumam a Fátima



Vão sair vários grupos nos próximos dias rumo ao santuário. O JF foi ouvir os organizadores

BELMONTE pág. 14

Assembleia aprova três empréstimos

COVILHÃ pág. 12

UBI quer mais colaboração da autarquia



SILVARES pág. 5

Agência da CGD está com serviços mínimos

CONSTRUÇÃO PÁGINAS 2 E 3

As gruas voltam a erguer-se

- **Fundão:** 86 habitações em construção | Mais 100 em apreciação
- **Covilhã:** Aumento de novos pedidos na Câmara
- **Castelo Branco:** Autarquia já vendeu quatro lotes este ano



INICIATIVA PÁGINA 6

CEREJAS DO FUNDÃO VÃO SER LEILOADAS HOJE EM LISBOA

Caixa com cerejas do Fundão vai a leilão. O preço base será de cem euros. A verba será usada em investigação

LOURIÇAL DO CAMPO PÁGINA 15

Tapada da Renda poderá ser prisão de baixa segurança

O futuro do imóvel deverá continuar a passar pelo setor da justiça





GARDENCAR

Automóveis Novos e Usados
MULTIMARCAS • ELÉTRICOS



T/F: 275 335 161 • COVILHÃ • Sítio do Ribeiro de Flandres
www.gardencar.pt • gardencar.automoveis@gmail.com

Tlms.: 962 702 747 | 919 980 394

12 - Capa da edição de 4 de maio do Jornal do Fundão

JORNAL DO FUNDÃO

Quinta dos Termos®



VINHOS DE QUALIDADE

Tel: 275 471 070 - Fax: 275 471 072
8250 - 181 Cavalhal Formoso - Belmonte
e-mail: info@quintadostermos.pt

FUNDADOR ANTÓNIO PAULOIRO DIRETOR INTERINO NUNO FRANCISCO SEMANÁRIO ANO 72.º - N.º 3491 - 11 DE MAIO DE 2017 - € 0,80 INCLUINDO IVA



LEILÃO EM LISBOA PÁGINAS 2 E 3

Dois quilos de cerejas vendidos por 300 euros

Uma caixa com dois quilos das primeiras cerejas do Fundão foi vendida, numa leiloeira, por 300 euros. Quem a levou para casa foi o chef Vítor Sobral

BAPTISTA-BASTOS PÁGINA 5



O ADEUS A UM SENHOR DO JORNALISMO

Faleceu na terça-feira, em Lisboa, aos 83 anos. Foi cronista do Jornal do Fundão durante muitos anos



ÁGUA PÁGINA 6

Penamacor vai melhorar abastecimento



INICIATIVA PÁGINA 7

UM DIA DA MÃE ESPECIAL NA COVILHÃ

O Jornal do Fundão foi o parceiro da TAP no distrito de Castelo Branco na iniciativa de premiar o primeiro bebé que nascasse em cada um dos distritos no Dia da Mãe. Sete minutos depois da meia-noite nasceu a Filipa, no Hospital da Covilhã. No próximo ano ela, os pais e o irmão viajarão no avião "Castelo Branco"

AUTÁRQUICAS PÁGINA 12

Carlos Pinto tem seis prioridades para a Covilhã

CASTELO BRANCO PÁGINA 15

Empresários vão reunir-se em congresso

COVILHÃ PÁGINA 40

Grupo internacional já criou 95 empregos



Parque Industrial do Tortosendo, Lote 97, Rua D
6200-823 Tortosendo - Covilhã
T: +351 275 332 396 / +351 275 325 198
F: +351 275 325 199
E: bdoor@sapo.pt

"Veja por dentro como se estivesse lá fora..."

Antes de decidir, visite-nos, informe-se e comprove!

Aproveite a Primavera...!



Janelas Portões Automatismos

- conforto
- segurança
- economia

www.beiradoor.com

JORNAL DO FUNDÃO

Quinta das Formosas



VENIBOIS DE QUALIDADE
Tel. 275 471 670 - Fax 275 471 672
8330 - 181 Covilhã Formosa - Sabugal
e-mail: info@quintadasformosas.pt

FUNDADOR: ANTÓNIO PAUSOURO - DIRETOR INTERINO: NUNO FRANCISCO - SEMANÁRIO ANO 72.º - Nº 3692 - 18 DE MAIO DE 2017 - € 0,80 INCLUINDO IVA

O FUTURO CONSTRÓI-SE NO PRESENTE

Inscrições Abertas! OPEN DAY 03.06.17

www.conservatoriomusicalcavilhã.pt

Pré-escolar | 1.º Ciclo | 2.º Ciclo | Ensino Articulado | Música | Dança

Conservatório de Música de Covilhã

BELMONTE PÁG. 17

Centro de BTT no Parque de Santiago

C. BRANCO PÁG. 18

Hospital reclama mais meios humanos

CULTURA PÁGS. 2 E 3

Há livros à solta na Gardunha

ESPECIAL PÁGS. 32 E 33

Um olhar sobre as marchas da Covilhã

FOTOGRAFIA PÁG. 7

O caminho da fé visto por Carlos Pimentel

CASTELO BRANCO GRANDE TITIA



GENERG INVESTE 20 MILHÕES EM PARQUE SOLAR

Concelho receberá investimento no setor da energia solar. O projeto está na fase de licenciamento

IDANHA PÁGINA 26

Monsanto recupera brasão roubado em 2008

COVILHÃ PÁGINA 5

“Caso” da Torá chega a tribunal

- Empresário José Correia exige à Câmara a entrega de uma antiga Torá que diz ter comprado ao empreiteiro que a encontrou durante a demolição de um edifício no centro da cidade
- A autarquia ainda não entregou o documento religioso judaico e afirma que, pela sua importância, deve ficar no domínio público



FUNDÃO PÁGINA 12

Câmara negocia Pedra d' Hera

A autarquia pretende adquirir 17 hectares na Serra da Gardunha, estando incluída nessa área a Pedra d' Hera. O processo negocial está a decorrer com o proprietário

• Renovação de Cartas no momento
• Carta de Mota, Ligeiros e Pesados
• Cursos de CAM e TCC

acereja

18 anos!
Mais novos
do que nunca

Rua dos Restauradores Lote 10-R/Gli Esp. Fundão

JORNAL DO FUNDÃO

Quinta dos Termos®



VINHOS DE QUALIDADE

Tel. 275 471 070 - Fax 275 471 072
8250 - 161 Cavalhal Formosa - Belmonte
e-mail: info@quintadostermos.pt

FUNDADOR ANTÓNIO PAULOIRO | DIRETOR INTERINO NUNO FRANCISCO | SEMANÁRIO ANO 72.º - N.º 3693 - 25 DE MAIO DE 2017 - € 0,80 INCLUINDO IVA

Inscrições Abertas!
www.conservatoriomusicacovilha.pt

O FUTURO CONSTRÓI-SE NO PRESENTE


OPEN DAY 03.06.17

Pré-escolar | 1º Ciclo | 2º Ciclo | Ensino Articulado

Música | Dança

Conservatório de Música de Covilhã

PROTEÇÃO DE JOVENS PÁGS. 2 E 3



COMISSÕES ACOMPANHARAM 960 CASOS EM 2016

Castelo Branco e Covilhã têm mais de metade dos casos em acompanhamento no distrito

REPORTAGEM PÁGS. 24 E 25

Os preparativos das Marchas da Covilhã




MÚSICA: A PAIXÃO QUE FAZ VIBRAR UMA CIDADE

A Academia de Música e Dança do Fundão está a celebrar duas décadas de existência. É um projeto que envolve, hoje, 35 professores e 536 alunos. No currículo já tem cerca de 200 prémios conquistados

AUTÁRQUICAS PÁGINA 10

Marco Baptista quer uma "Covilhã reivindicativa"

BELMONTE PÁGINA 14

Aqualia toma conta da faturação da água

FUNDÃO PÁGINA 9

Sanicobe regressou aos leilões de gado

BRICO MARCHÉ Poder fazer tudo Mais barato

ESPECIAL VISITE-NOS COVILHÃ

bricomarche.pt

PREÇO IMPERDÍVEL 13€ 99 TINTA PLÁSTICA

PREÇO IMPERDÍVEL 149€ 90 MÁQUINA DE LAVAR DE ALTA PRESSÃO

PREÇO IMPERDÍVEL 99€ BOCADORA A GASOLINA

15 - Capa edição de 25 de maio do Jornal do Fundão

JORNAL DO FUNDÃO

Quinta das Formas



5
VENIBOS DE QUALIDADE
Tel. 275 471 670 - Fax 275 471 672
8300 - 181 Covilhã Formosa - Sobrance
e-mail: info@quintadasformas.pt

FUNDADOR: ANTÓNIO PAULOIRO | DIRETOR INTERINO: NUNO FRANCISCO | SEMANÁRIO ANO 72 - N.º 3694 - 1 DE JUNHO DE 2017 - € 0,80 INCLUINDO IVA

O FUTURO CONSTRÓI-SE NO PRESENTE

Inscrições Abertas! OPEN DAY 03.07.17
www.conservatoriomusicalcoviilha.pt

Pré-escolar | 1º Ciclo | 2º Ciclo | Ensino Articulado | Música | Dança

Conservatório de Música de Covilhã

C. BRANCO GRANDE TESA

Empresários apelam à união da região

BELMONTE PÁG. 14

Julgado de Paz já tratou mais de mil processos

COVILHÃ PÁG. 40

António Costa visita a cidade

FUNDÃO PÁG. 10

Catarina Gavinhos é a aposta da CDU para a Câmara

PROENÇA PÁG. 9

Ex-bombeiro acusado de 17 fogos florestais

FUNDÃO PÁGINA 5



OS POMARES COMO RETRATO DE UMA REGIÃO

O sucesso da cereja do Fundão dita que se plantem cada vez mais cerejeiras, o que exige muita mão-de-obra na época da colheita. Mas nem sempre é fácil, devido à emigração e ao envelhecimento da população

ESPECIAL PÁGS. 34 E 35

Coletividades preparam as Marchas da Covilhã

TREINADOR PÁGINA 25

Mário Pereira vai ser homenageado
Fundanense faleceu aos 54 anos

REGIÃO PÁGINA 6

Bancos alimentares com menos dádivas
Recolheram-se 38 toneladas

O "IMPERDÍVEL" ARROZ À VALENCIANA PÁGINAS 2 E 3

Na Covilhã, a tradição senta-se à mesa todos os domingos

Chefs e empresários estimam que esta especialidade chegue à mesa de cinco mil covilhanenses aos domingos. O JF foi em busca das raízes desta deliciosa tradição



beira door portas e automatismos, lda

Parque Industrial do Tortosendo, Lote 97, Rua D. 8200-823 Tortosendo - Covilhã
T: +351 275 332 306 / +351 275 325 198
F: +351 275 325 199
E: bdoor@kapo.pt

"Veja por dentro como se estivesse lá fora..."

Antes de decidir, visite-nos, informe-se e compreve!

Aproveite a Primavera...!

Janelas Portões Automatismos

- conforto
- segurança
- economia

www.beira-door.com

JORNAL DO FUNDÃO

Quinta dos Termos®



VINHOS DE QUALIDADE

Tel. 275 471 070 - Fax 275 471 072
8200 - 161 Carvalhal Formosa - Beira Interior
e-mail: info@quintadostermos.pt

FUNDADOR ANTÓNIO PAULOIRO · DIRETOR INTERINO NUNO FRANCISCO · SEMANÁRIO ANO 72.º · N.º 3695 · 8 DE JUNHO DE 2017 · € 0,80 INCLUINDO IVA

FUNDÃO PÁGS. 2 E 3

Jovens
"cientistas"
valorizam região



COVILHÃ PÁG. 44

Novo contact
center vai criar
200 empregos

REGIÃO PÁG. 5

Três detidos por
alegado tráfico
de droga

CULTURA PÁG. 14

Carlos do Carmo
homenageado em
Castelo Branco



ESPECIAL PÁGS. 30 E 31

Tudo pronto
para as Marchas
da Covilhã



ANTÓNIO COSTA GRANDE TEMA

VIAGEM POR UM INTERIOR CONTRA A FATALIDADE

O Primeiro-Ministro esteve na região na última semana. De Proença-a-Nova à Covilhã, António Costa conheceu alguns dos projetos de relevo da economia regional. E deixou um discurso otimista sobre o Interior

COVILHÃ PÁGINA 6



FAZER GRAFFITI DEPOIS DOS 60 ANOS? CLARO QUE SIM!

O projeto Lata 65 levou 20 pessoas, entre os 60 e os 93 anos, a testarem uma arte associada aos jovens

CONCELHO DO FUNDÃO

Programação vai chegar ao segundo ciclo

■ A Academia de Código alarga plano de ação pioneiro e estará acessível a mais alunos já a partir do próximo ano letivo PÁGINA 9

INICIATIVA PÁGINA 28

Um festival que quer ser livre de "álcool e drogas"

O Ananda Festival of Bliss decorrerá numa quinta entre o Paul e o Ourondo e será "inédito"



BRICO Covilhã MARCHÉ

39€99 BUNDA BERMUDA BABY SET (Tamanho: 200x120x120 cm)

6€99 SAL T3 ECOPHIL PARA PISCINA (3 kg - 0,2796€/kg)

17€90 CLORO SHOCK GRANULADO (3 kg - 1,386€/kg)

9€99 ANTIALGAS (3 kg - 1,330€/kg)

99€90 CONJUNTO PIC-NIC MESA + 2 BANCOS (Metal e madeira. Dimensão mesa: 200x79x76 cm. Dimensão banco: 200x20x28 cm)

1599€ (Ver página 13)

bricomarche.pt

17 - Capa edição de 8 de junho do Jornal do Fundão

JORNAL DO FUNDÃO

Quinta das Formosas
5
VENIBOIS DE QUALIDADE
Tel. 275 471 670 - Fax 275 471 672
8330 - 181 Casal das Formosas - Sabugal
e-mail: info@quintadeformosas.pt

FUNDADOR: ANTÓNIO PAULOIRO - DIRETOR INTERINO: NUNO FRANCISCO - SEMANÁRIO ANO 72 - N.º 3696 - 15 DE JUNHO DE 2017 - € 0,80 INCLUIDO IVA



PÁGINAS 2 E 3

FUNDÃO E SABUGAL NA ROTA DAS MEMÓRIAS DA EMIGRAÇÃO

“Labyrinthos da Memória II – Migrações, novas vozes, novas fronteiras” é o tema de um colóquio que se irá realizar nas duas cidades nos dias 28 e 29 de julho

FUNDÃO PÁG. 9

Paulo Fernandes recandidata-se à Câmara

COVILHÃ PÁG. 10

Paulo Ranito e Carlos Martins em rota de colisão

C. BRANCO PÁG. 14

Três milhões para ampliar hospital

ALCONGOSTA PÁG. 26

70 toneladas de cerejas vendidas em três dias

INVESTIGAÇÃO PÁG. 6

Arqueólogos vão estar três anos em Idanha-a-Velha

BELMONTE PÁGINA 12



PERPETUAR A MEMÓRIA DE MÁRIO SOARES

Uma avenida da vila já tem o nome do ex-Presidente da República. Foi ainda lembrada a visita de 1988

COVILHÃ PÁGINA 24

Ana Moura cabeça-de-cartaz na Feira de S. Tiago

HELENA FREITAS PÁGINAS 18 A 20



“O país vive numa assimetria insustentável”

Entrevista com a coordenadora da Unidade de Missão para a Valorização do Interior. Helena Freitas reconhece a complexidade do projeto que lidera e gostaria que este fosse um designio coletivo

Auto Moreira
Pintura - Bate Chapas

Especialistas em serviços de colisão, repintura automóvel e restauro de veículos clássicos.

Orçamentos Grátis!

Pintura Geral Desde 700 €

Rua da Indústria N.º 103 - Pavilhões de Lana/Abril
Cantar-Galo - 6200-114 Covilhã

Contactos: 967635278 - 963269008
www.facebook.com/moreirauto2016

JORNAL DO FUNDÃO

Quinta das Termas



VÍDEOS DE QUALIDADE
Tel. 275 471 870 - Fax 275 471 872
8330 - 181 Covilhã Portugal - Bolsoeiro
e-mail: info@jornaldofundao.pt

FUNDADOR ANTONIO FAIQUERO DIRETOR INTERINO NUNO FRANCISCO SEMANÁRIO ANO 72 - N.º 3697 - 22 DE JUNHO DE 2017 - €0,80 INCLUINDO IVA

8/183 COVILHÃ/COVILHÃ PÁGINAS



ATÉ QUANDO?

Há décadas que o verão, no Interior é, para muitos, sinónimo de perda, luto e sofrimento. E também sinónimo da coragem de milhares de bombeiros que combatem até à exaustão os mares de chamas. Até quando teremos que lidar com a tragédia à solta pelas florestas? Até quando teremos que suportar a dor infinita como aquela que se vive em Pedregão Grande?

EDITORIAL E GRANDE TEMA

HOSPITAL DO FUNDÃO PÁGINA 10

Gerador garante climatização

■ A situação estava insustentável por causa do calor. Teve que ser instalado um gerador para se poder assegurar a climatização

TEATRO MUNICIPAL DA COVILHÃ PÁGINA 40

Reabilitar custa quatro milhões

■ A autarquia lançou concurso público para a requalificação do edifício. O valor base para obra é de quatro milhões de euros

ACADEMIA PÁG.7

Dois candidatos a reitor da UBI

REPORTAGEM PÁGS. 2 E 3

As marchas da Covilhã saíram à rua

CASTELO BRANCO PÁG.16

Curso de drones no politécnico em setembro

IDANHA PÁG.6

Monfortinho recebe debate sobre Almaraz

REPÓRTER UBI 8 PÁGS.

As reportagens do mestrado em Jornalismo

beiraDoor
portas e automatismos, Lda

Parque Industrial do Tortosendo, Lote 97, Rua D
6200-923 Tortosendo - Covilhã
T: +351 275 332 396 / +351 275 325 198
F: +351 275 325 199
E: bdoor@iapo.pt

"Veja por dentro como se estivesse lá fora..."

Antes de decidir, visite-nos, informe-se e comprove!

Aproveite o Verão...!

Janelas Portões Automatismos

- conforto
- segurança
- economia

www.beiraDoor.com

JORNAL DO FUNDÃO

Quinta dos Formos



VINHOS DE QUALIDADE
Tel. 278 471 076 - Fax 278 471 072
8250 - 161 Covilhã Formos - Sabugal
e-mail: info@quintadosformos.pt

FUNDADOR ANTÓNIO PAULOIRO - DIRETOR INTERINO NUNO FRANCISCO - SEMANÁRIO ANO 72 - N.º 3498 - 29 DE JUNHO DE 2017 - € 0,80 INCLUIDO IVA

FUNDÃO PÁG. 8

J3LP vai contratar mais 25 colaboradores



O novo processo de recrutamento da empresa vai decorrer até ao final do ano

INICIATIVA PÁG. 12

Festival aéreo nos céus de Castelo Branco

A23 PÁG. 5

Movimento pede o fim das portagens



PENAMACOR PÁG. 27

Lar está com dificuldades financeiras

REDE VIÁRIA DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO PÁGINAS 2 E 3

Manutenção das estradas: A conta que poucos podem pagar



■ Câmaras queixam-se da falta de apoios comunitários para requalificar as estradas sob a sua responsabilidade. Só o Fundão precisaria de 15 milhões de euros para recuperar toda a rede viária do concelho e a Covilhã necessitaria de dez milhões de euros. Castelo Branco investiu, nos últimos quatro anos, quase cinco milhões de euros no arranjo das vias do concelho. E todo o dinheiro saiu dos cofres da autarquia

FOTOGRAFIA: GONÇALVES



REPORTAGEM GRANDE TEMA

QUANDO O FOGO VENCE AS PROMESSAS

Nas últimas décadas arderam milhares de hectares na região. Será que se tirou alguma ilação de tudo o que se passou?

ENERGIA NUCLEAR PÁGINA 26

Idanha não quer Central de Almaraz para além de 2020

O apelo foi lançado pelo presidente da Câmara num debate em Monfortinho



OPTICALIA COVILHÃ

Alameda Europa - Edifício Altamira II, n.º 60 - Loja 4
6200-546 COVILHÃ | Tlf. 275 323 139 Tlm. 927 612 217

79€ armação + lentes MANGO

ÓCULOS PROGRESSIVOS a partir de 99€

2x1

opticaliacovilhã

SEGURO OPTICALIA

Na aquisição de ÓCULOS COMPLETOS O SEGURO ESTÁ INCLUIDO!

DÍVIDA DAS AUTARQUIAS PÁGINA 7

Municípios dizem que negócio da água foi “ruinoso”

■ Câmaras que integravam o antigo sistema das “Águas do Zêzere e Côa” afirmam que não reconhecem as dívidas

■ Sustentam ainda que o contrato assinado em 2001 foi prejudicial para os territórios da região

DISTINÇÃO PÁG. 25



JOVEM AGRICULTOR DO ANO TRABALHA EM IDANHA-A-NOVA

Paulo Martinho é o empresário responsável pelo projeto “Sementes Vivas”, com sede no concelho raiano

ACADEMIA PÁG. 40



António Fidalgo reeleito reitor da UBI

EUGÉNIO DE ANDRADE PÁGINAS 2 E 3



No prato da balança um verso basta / a prosa, se não for a lugar onde o desejo ousa flitar a

OS TRILHOS DA POESIA E DA SAUDADE

Está inaugurada a Casa da Poesia Eugénio de Andrade. Na antiga escola primária da Póvoa de Atalaia, a memória do poeta vive no legado das palavras.

AUTÁRQUICAS PÁG. 12

Adolfo Mesquita Nunes diz que quer vencer na Covilhã

FUNDÃO E COVILHÃ PÁG. 9

Quinze detidos por alegado tráfico de droga

INICIATIVA PÁG. 39

Nova campanha de assinaturas oferece relógios “Jornal do Fundão”

BRICO Covilhã MARCHÉ



39€⁹⁹
PACK SANITA “LUCCA”
W.C. + Vaso sanitário + Bidet
Material sanitário italiano



JULHO
SÓ DE 06 A 27



44€⁹⁹
PANEL DE BANHEIRA
W.C. + Vaso sanitário + Bidet
Com 20 peças, 200x100x100

Ver pág. 17



79€⁹⁰
“BORA”
Modelo com 600 cm³ 2 portas
Lavatório automático
Equipado de 4000 cm³
Autorecarga incluída



89€
TÉRMOCUMULADOR
Capacidade: 50 l | Potência: 3000 W
Incluído ventoinha

bricomarche.pt

21 - Capa edição de 6 de julho do Jornal do Fundão